

COOPERATIVISMO



Caderno Especial do Jornal do Comércio | Porto Alegre, sexta-feira e fim de semana, 4, 5 e 6 de julho de 2025



2025
Ano Internacional
das Cooperativas

SistemaOcergs
OCERGS FISCOCOPERIS FISCOCOP

ICATU
COOPERA

Setor do agronegócio, um dos que mais busca capacitação nos processos, representa a maior fatia de cooperativas: são 93 espalhadas pelo Estado

Cooperativismo cresce com profissionalização

Rio Grande do Sul é o berço brasileiro do modelo que faturou R\$ 93,2 bilhões no ano passado em solo gaúcho

NATHAN LEMOS/JC



Dados do setor foram apresentados à imprensa do Rio Grande do Sul nesta semana na nova sede do Sistema Ocergs, no bairro Floresta, em Porto Alegre, pelo presidente Darci Hartmann

Ao leitor

Os três pilares do cooperativismo

Mauro Belo Schneider

O cooperativismo vem ganhando cada vez mais relevância no Rio Grande do Sul desde a enchente de 2024. A partir de uma campanha incentivando o consumo de produtos locais, marcas do Interior gaúcho e o trabalho das famílias têm atraído visibilidade e conquistado clientes. Este modelo, no entanto, não começou hoje. Sua longa trajetória tem origem na Inglaterra e se alicerça nos mesmos pilares em qualquer lugar

do mundo em que ele esteja inserido. O primeiro deles é a gestão profissional. A união entre cooperados gera uma troca constante de desenvolvimento coletivo e a tendência é que os negócios aprendam a reduzir custos e a crescer juntos. Em segundo lugar, está o sentimento de pertencimento que as cooperativas despertam. Como o associado é também dono, ele participa do processo democrático. Cada um pode se beneficiar a partir de suas necessidades individuais, mesmo

que em um trabalho em grupo. E o terceiro pilar é o do desenvolvimento comunitário. Normalmente, o faturamento das cooperativas e suas sobras são reinvestidos na própria comunidade, gerando um ciclo virtuoso para todos. A comunidade abraça o modelo, assim como o modelo abraça a comunidade. É uma via de mão dupla baseada na transferência econômica. Que o Rio Grande do Sul continue crescendo neste cenário e dando bons exemplos para todos os gaúchos.

Glossário das cooperativas

Como se constitui uma cooperativa?

Para ser constituída, uma cooperativa precisa de, no mínimo, 20 pessoas físicas. Com exceção das cooperativas de trabalho, que podem ser constituídas a partir de sete associados. Excepcionalmente é aceita a participação de pessoas jurídicas, mas para isso a empresa deverá ter por objeto as mesmas atividades econômicas que os demais associados pessoas físicas (ou atividades correlatas).

O que são as sobras?

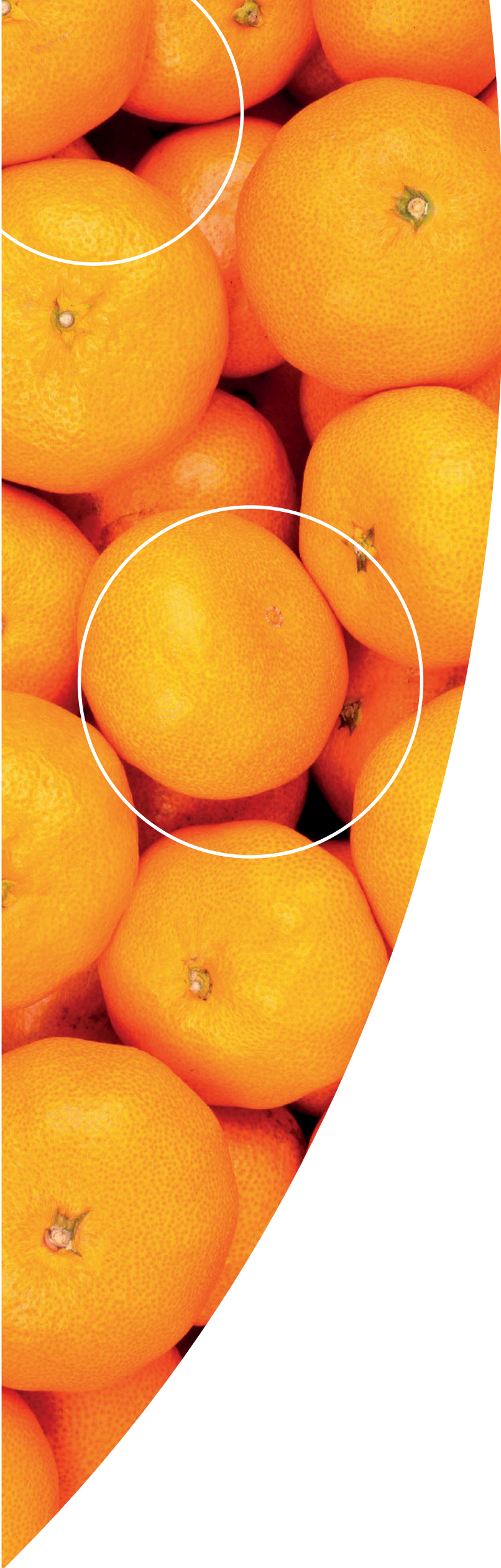
Em organizações tradicionais, chama-se o excedente financeiro, após o pagamento de todas as despesas, de lucro. No cooperativismo, o saldo positivo é chamado de sobras, já que o propósito da instituição não é o lucro, e sim o desenvolvimento econômico e social dos cooperados e da cooperativa.

ÍNDICE

4 e 5	Hora da visibilidade global para o cooperativismo
6 a 8	Cooperativas alicerçam retomada econômica do Rio Grande do Sul
12	Cooperativismo gaúcho investe em capacitação e em estratégias comerciais
13	Porto Alegre tem Ensino Superior voltado ao segmento
14	Sicoob trabalha para liberar recursos no Plano Safra
16	'Muito do que o Sicredi faz não é sozinho', diz Port
18	Parceria com cooperativas gera aproximação com sociedade
19	Unicred: princípios reforçados em período adverso
20	As cooperativas gaúchas do ramo da saúde
21	Beneficiamento de grãos pode assegurar rentabilidade
22 e 23	Setor lácteo aponta caminhos para outros setores
24 e 25	Investimentos e visão de médio e longo prazo na vitivinicultura
26 e 27	Cooperativas de energia

COOPERATIVISMO EXPEDIENTE

Editor-chefe: Guilherme Kolling | Editores-executivos: Mauro Belo Schneider e Fernanda Crancio
Reportagem: Loraine Luz e Thiago Copetti | Diagramação: Gustavo Van Ondheusden e Bárbara Valério

[ICATU.COM.BR](https://www.icatu.com.br)

25% TANGERINA.
25% BERGAMOTA.
25% MEXERICA.
25% LARANJA-CRAVO.
100% BRASILEIRA.

Pode chamar de qualquer jeito que a gente entende.

Sabe por quê?

Porque somos 100% brasileira.

Nascemos aqui pra levar proteção e incentivar sonhos.

Investimos 100% aqui.

Crescemos juntos com o cooperativismo.

E vivemos pelo futuro de milhões de brasileiros.

5 DE JULHO

DIA INTERNACIONAL DO COOPERATIVISMO

ICATU COOPERA É DAQUI.
É PARA TI. É POR VOCÊS.

ICATU
COOPERA

Reportagem especial

2025: hora da visibilidade global para o cooperativismo

Organização das Nações Unidas (ONU) proclamou este como Ano Internacional das Cooperativas

Neste ano, o Dia Internacional do Cooperativismo, comemorado sempre no primeiro sábado de julho, é mais especial: 2025 foi proclamado pela Organização das Nações Unidas (ONU) o Ano Internacional das Cooperativas.

Não é a primeira vez que a entidade destaca 365 dias para conquistar mais cooperados, expandir negócios e garantir visibilidade para um trabalho realizado em todos os setores da economia. O Ano Internacional das Cooperativas também colocou o movimento na vitrine global em 2012. À época, a ONU promoveu o modelo como alternativa concreta à crise econômica de 2008–2011. Dessa vez, a motivação está ligada a aspectos como sustentabilidade, inclusão e recuperação socioeconômica pós-pandemia.

“Com o Ano Internacional, a ONU nos provoca a falar mais sobre o cooperativismo justamente buscando reduzir o desconhecimento das pessoas”, comenta Márcio Port, presidente da Central Sicredi Sul/Sudeste. “O maior concorrente do cooperativismo é

o desconhecimento. Se mais pessoas entendessem o que é uma cooperativa e como ela funciona, nós poderíamos ser ainda mais desenvolvidos no Brasil. Temos um grande desafio de as pessoas entenderem exatamente como funciona o cooperativismo e se darem conta de que é um modelo de negócios diferente”, observa.

Do ponto de vista prático, a ONU não organiza diretamente atividades operacionais como eventos ou capacitações, mas atua em nível diplomático, institucional e de articulação global. O Copac (Committee for the Promotion and Advancement

of Cooperatives) articula diretrizes, materiais e relatórios temáticos em áreas como segurança alimentar, trabalho decente, inclusão financeira e desenvolvimento sustentável. A proclamação pela ONU serve como incentivo para que agentes públicos ou privados, instituições de ensino ou ONGs e o próprio setor criem eventos, políticas públicas e educação cooperativista.

Em países como Brasil, França e Alemanha, isso é particularmente evidente. O universo de cooperativas brasileiras está entre os que mais crescem no mundo, e o País é destaque na América Latina. Já as

cooperativas francesas e alemãs têm desempenho sólido e com grande peso no PIB de seus países.

“A ONU está reconhecendo o nosso papel no desenvolvimento sustentável e na construção de um mundo mais justo e inclusivo”, destaca Marcelo Hoffmeister, diretor de Desenvolvimento e Negócios da Unired Geração.

Para ele, a atuação incansável de instituições cooperativistas gaúchas no combate aos efeitos das enchentes, na retomada dos negócios e na própria reconstrução do Estado como um todo é um grande exemplo local dessa força.

O movimento

● Envolve mais de 1 bilhão de pessoas no mundo, que conta com mais de 3 milhões de cooperativas; no Brasil, são mais de 4,5 mil cooperativas, abrangendo mais de 23 milhões de cooperados. Os números são da Organização das Cooperativas Brasileiras.

● O setor agropecuário nacional reúne 1.179 cooperativas e 1 milhão de associados, que produzem mais de 50% da safra de grãos, conforme o Anuário Coop 2024 (www.anuario.coop.br).

TÂNIA MEINERZ/JC



Motivação do movimento, que já ocorreu em 2012, está ligado a aspectos como sustentabilidade, inclusão e recuperação pós-pandemia

Os objetivos da ONU

- Aumentar a conscientização pública
- Fortalecer o crescimento e desenvolvimento das cooperativas
- Promover ambientes legais favoráveis
- Inspirar lideranças, especialmente entre jovens

05 de julho
Dia do Cooperativismo

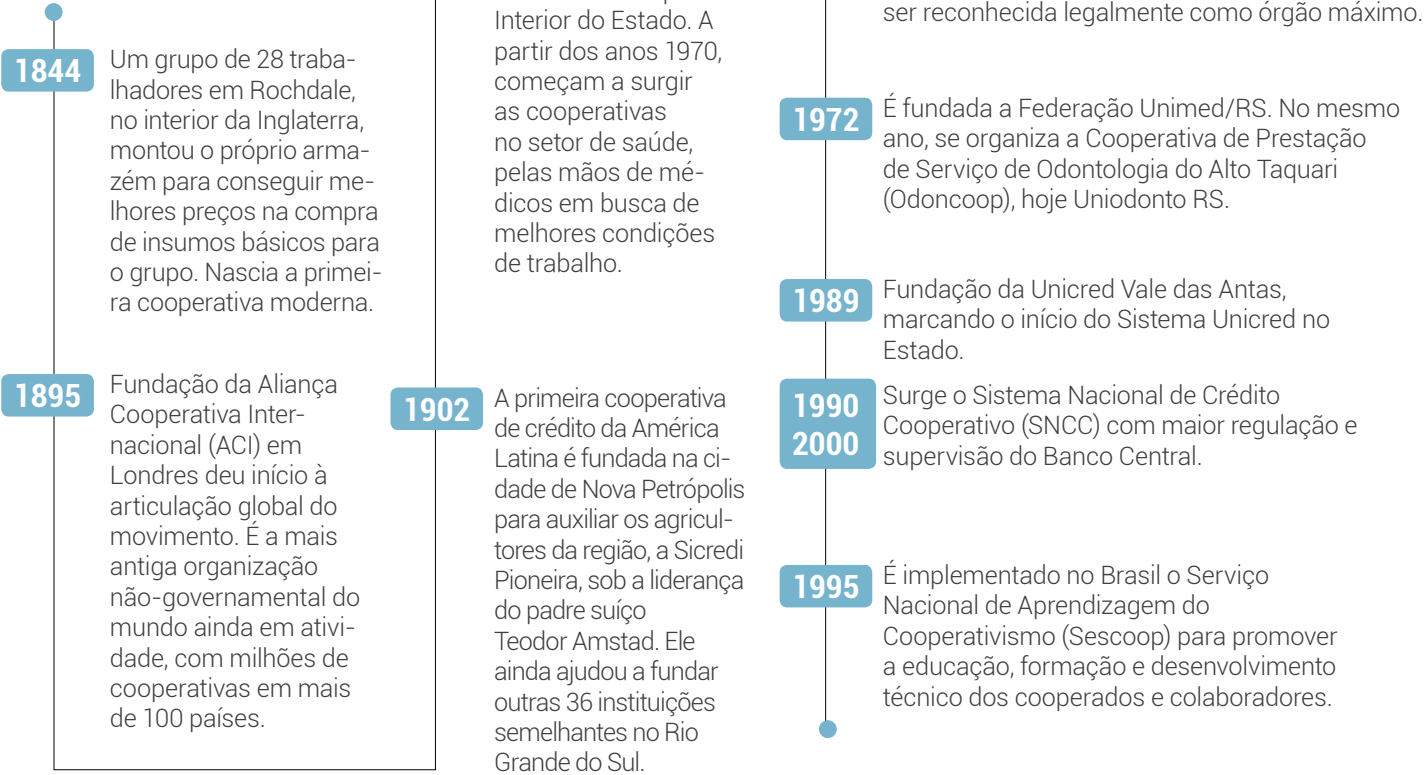
UM TRABALHO DE
UNIÃO
NO COOPERATIVISMO GAÚCHO

FecoAgro/RS
FEDERAÇÃO DAS COOPERATIVAS AGROPECUÁRIAS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL LTDA.

www.fecoagrors.com.br

Cooperativismo na América Latina surgiu no Rio Grande do Sul

Confira algumas das datas mais importantes na história do cooperativismo gaúcho, brasileiro e mundial:



Coops Day 2025

- No sábado, dia 5, prédios icônicos de cinco capitais — Salvador, Brasília, Belo Horizonte, Porto Alegre e Belém — vão virar telões para projeções que destacam o papel transformador do cooperativismo. Além das ruas, a mensagem vai se espalhar pelas redes sociais.
- O Dia Internacional das Cooperativas este ano traz o tema **Cooperativas: promovendo soluções inclusivas e sustentáveis por um mundo melhor**.
- O tema foi definido pela Aliança Cooperativa Internacional (ACI), alinhada com o Ano Internacional das Cooperativas. O Coops Day é celebrado desde 1923 e oficialmente reconhecido pela ONU desde 1995.

Cooperativas constroem um mundo melhor

Cooperativas constroem um mundo melhor

somos coop

2025 Ano Internacional das Cooperativas

SAIBA MAIS

O cooperativismo segue crescendo e transformando o Rio Grande do Sul.

Em 2024, mesmo diante de grandes desafios, o cooperativismo reafirmou sua força, união e compromisso com o estado. Presente no **agro, saúde, crédito, educação, trabalho, consumo, transporte e infraestrutura**, o cooperativismo oferece soluções reais, acessíveis e conectadas com as pessoas. Porque onde tem cooperativa, tem desenvolvimento e futuro.

SOMOS

372

COOPERATIVAS

MAIS DE

4.2MI

DE COOPERADOS

MAIS DE

78 mil

EMPREGOS

MAIS DE

R\$ 93 BI

EM FATURAMENTO

5 DE JULHO

DIA INTERNACIONAL DO COOPERATIVISMO

Cooperativas constroem um mundo melhor

SistemaOcergs

OCEGRS | SESCOOP/RS | ESCOOP

Reportagem especial

Cooperativas alicerçam retomada econômica do Rio Grande do Sul

Números divulgados na terça-feira pelo Sistema Ocergs comprovam o vigor do cooperativismo gaúcho neste último ciclo

Loraine Luz, especial para o JC

Ainda reverberando, as grandes adversidades enfrentadas pelos gaúchos em 2024 testam a força da coletividade. A nível organizacional, esse grau de coesão comunitária tem nome e um histórico consistente de protagonismo no Rio Grande do Sul: as cooperativas.

Investigando Interior adentro, é impossível explicar a reconstrução e a retomada do desenvolvimento social e econômico das regiões afetadas seja por enchentes, seja por estiagens sucessivas, sem obrigatoriamente mencionar o trabalho das cooperativas. Como costuma acontecer na trajetória de atuação desse modelo de organização, as crises são grandes oportunidades para que essas instituições ganhem maior reconhecimento social.

Os números divulgados na terça-feira pelo Sistema Ocergs (pg. 8) comprovam o vigor do cooperativismo gaúcho neste último ciclo. “São dados substanciais. Mostram que o cooperativismo cresceu em todos os ramos, mais do que todos os outros setores econômicos do Rio Grande

do Sul. Isso confirma a importância deste modelo de cooperação para que juntos possamos competir cada vez melhor”, avalia Darci Hartmann, presidente do Sistema Ocergs (Sistema da Organização das Cooperativas do Estado do Rio Grande do Sul).

No Brasil, as cooperativas também demonstram relevância. Porém, a alta presença territorial, o atendimento em áreas sem banco, por exemplo, e o rápido apoio a emergências tornam o funcionamento do modelo no Estado ainda mais forte. A recuperação de solos e áreas agrícolas devastadas pelas cheias demandará um longo período de reconstrução. Hartmann pontua que os produtores rurais estão descapitalizados, necessitando de investimentos que podem levar de quatro a cinco anos para concluir a regeneração completa.

As preocupações do Sicredi, presente em 484 dos 497 municípios gaúchos, convergem nesta direção: “Essa estiagem de agora é mais preocupante porque não é a primeira dos últimos anos. O produtor vem tendo essa dificuldade de vários anos”, observa Márcio Port, presidente da Central Sicredi Sul/Sudeste. A gravidade dos endividamentos está ligada às perdas recorrentes de safras. “É um ano bem importante para conseguirmos conquistar prorrogações adequadas. Do contrário, será um ano preocupante para o



EVANDRO OLIVEIRA/JC

Crises são oportunidades para que cooperativismo ganhe reconhecimento

produtor rural”, avalia Port.

A resiliência exigida das cooperativas no período, em decorrência dos efeitos da crise climática, atingiu a própria integridade física delas. “Tivemos usinas inundadas. Cooperativas de energia, de compostos completamente destruídas, mas conseguimos nos reestruturar e estamos aí, firmes e fortes”, garante o presidente do Sistema Ocergs. A Uniodonto RS precisou mudar de sede, para manter o atendimento dos beneficiários: “Como medida extraordinária, mantivemos os rendimentos mensais dos cooperados durante esse período de crise”, conta o presidente da Uniodonto Federação RS, Irno Augusto Pretto. Da mesma forma, diversas unidades da Unimed POA ficaram debaixo d’água. Um ano após o maior desastre climático da história gaúcha, baixar a guarda não é uma opção.

“As enchentes passaram, mas continuamos no monitoramento das fortes chuvas e seus impactos. Aprendemos muito em maio de 2024. São em momentos como este que comprovamos a força do cooperativismo no Rio Grande do Sul. Atuamos de forma intensa, tanto economicamente quanto em ações sociais”, aponta o presidente do

Conselho de Administração da Unimed Porto Alegre, Márcio Pizzato.

A conjuntura macroeconômica impôs desafios adicionais ao setor. Foi preciso rever planejamentos, controlar custos e investir em inovação para manter a competitividade. As cooperativas mais representativas no Estado têm se concentrado na digitalização, em inteligência artificial, na personalização de serviços e em novos produtos.

Para Marcelo Hoffmeister, diretor de Desenvolvimento e Negócios da Unicred Geração, a lógica do modelo cooperativista permite manter o otimismo. “No modelo ímpar em que atuamos, sem fins lucrativos, os resultados obtidos são distribuídos aos cooperados e reinvestidos no desenvolvimento das comunidades e das próprias cooperativas”, destaca.

O presidente do Sistema Ocergs compartilha desse sentimento de confiança na essência do funcionamento dessas organizações. “Tivemos sobras líquidas muito substanciais, crescimento em número de associados e de faturamento. Mas dou especial importância a pilares fundamentais no cooperativismo, como a questão da gestão profissionalizada, do pertencimento, pelo

Nova sede

2024 foi o ano de abrir as portas da nova sede do Sistema Ocergs – A Casa do Cooperativismo Gaúcho, localizada na Avenida Berlim, no 4º Distrito de Porto Alegre. Com 750 m², funciona como um hub de inovação e ponto de encontro para o cooperativismo. Oferece ambientes para eventos, salas de reuniões, áreas de convivência, salas de aula equipadas, espaço de coworking e a biblioteca Vergílio Perius, estrutura com 1,8 mil títulos e 4,2 mil exemplares. Além de publicações sobre cooperativismo, há centenas de livros sobre Administração, Direito, Matemática, Meio Ambiente, Contabilidade, Marketing, Relações Públicas, Literatura e História, entre outras áreas. Durante a enchente de maio, a biblioteca foi alagada, e a estrutura já foi recuperada. O nome – anunciado no final do ano passado – é uma homenagem ao idealizador da Escola Superior do Cooperativismo (Escoop).

qual o associado é quem decide. A cooperativa está inserida na comunidade e é lá que ela investe seus resultados, suas sobras, enfim, e isto realmente cria uma sinergia muito forte no que diz respeito a toda essa capacidade do crescimento que nós estamos tendo”, avalia.

Dados do sistema no Brasil

- O cooperativismo chegou a 23,45 milhões de associados no País, gerou 550.611 empregos e movimentou R\$ 692 bilhões em 2023, com ativos totais superiores a R\$ 1,16 trilhão. No comércio exterior, as instituições brasileiras alcançaram US\$ 8,3 bilhões em exportações. Os dados são Anuário do Cooperativismo Brasileiro 2024.
- 88% dos brasileiros percebem o movimento como moderno e inovador, de acordo com a Pesquisa de Imagem do Cooperativismo, de 2023, realizada em todas as regiões do

Brasil, com 11.522 respondentes. Além disso, 18% dos entrevistados associaram o cooperativismo à união, aliança e soma de esforços, enquanto 16% relacionaram o movimento à ajuda, apoio e auxílio mútuo.

■ Cada R\$ 1,00 concedido em crédito gerou R\$ 2,56 em atividade econômica. O impacto das cooperativas de crédito na sociedade foi identificado em estudo da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), em parceria com o Sistema OCB e o apoio do Conselho Consultivo Nacional do Ramo Crédito (Ceco).

- Em termos de PIB per capita, os municípios que contam com cooperativas de crédito registraram um incremento de R\$ 3.852 por habitante, equivalente a 10% da média nacional de 2021.
- No Brasil, a taxa de penetração do cooperativismo é semelhante à mundial, chegando a 12,7% em 2023, segundo Panorama do Sistema Nacional de Crédito Cooperativo. A mesma fonte indica que as cooperativas de crédito estão em 57% dos municípios, reunindo 17,3 milhões de associados (85% pessoas físicas). São 730,9 bilhões em

ativos.

- Uma cooperativa é a principal instituição financeira dos cooperados para quase 53% dos entrevistados da pesquisa “A competitividade das cooperativas de crédito na era digital”, desenvolvida pela MIT Sloan Management Review Brasil. O estudo obteve 172 respostas, todas de colaboradores e lideranças que atuam no cooperativismo de crédito no Brasil. A coleta foi realizada de forma anônima entre 19 de abril e 9 de maio de 2025. A MIT Sloan Management Review Brasil é

uma plataforma de conteúdo especializada em gestão, estratégia e inovação.

- Ainda conforme a pesquisa, para serem mais competitivas, as cooperativas precisam evoluir em aspectos estruturais que impactam diretamente a jornada do cooperado e a operação como um todo. Alguns dos aspectos citados foram: avançar na agilidade da oferta de crédito, produtos e serviços (a resposta de 54,7% dos entrevistados), melhorar a eficiência operacional (37,8%) e fazer melhor uso de dados para análise (34,9%).



Somos do Sul, somos do Brasil.

Há mais de 120 anos acreditamos
que o cooperativismo pode
transformar a sociedade.

Cooperativas constroem
um mundo melhor! E temos
orgulho de ser a 1ª instituição
financeira cooperativa do
Brasil, contribuindo para
uma sociedade mais justa
e colaborativa para todos.



05/07 - Dia Internacional do Cooperativismo

Abra sua conta
sicredi.com.br



SAC: 0800 724 7220
Atendimento a pessoas com deficiência
auditiva ou de fala: 0800 724 0525
Ouvidoria: 0800 646 2519



Ano Internacional
das Cooperativas

Cooperativas constroem
um mundo melhor

É ter com
quem contar.

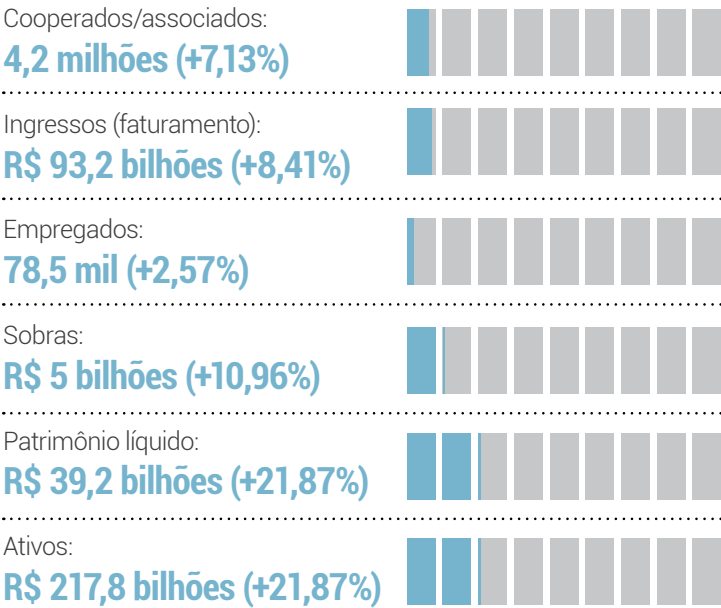
 **Sicredi**



MAICON HINRICHSSEN/DIVULGAÇÃO/JC

Balanço 2025 - ano base 2024, considerando todos os setores

FONTE: SISTEMA OCERGS

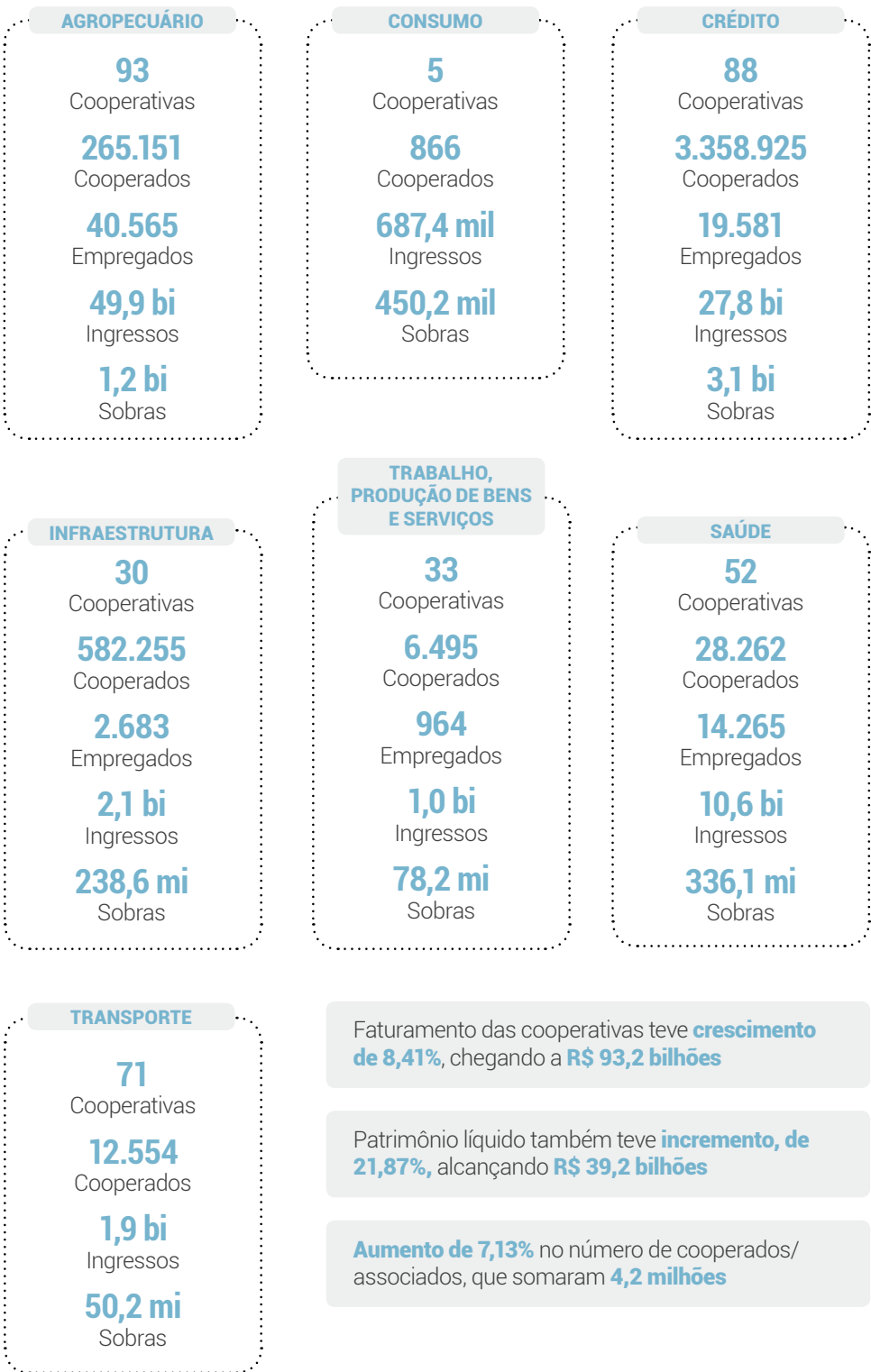


Selo impulsiona movimento

Com foco no consumo consciente, o carimbo #SomosCoop foi criado para ajudar as pessoas a identificarem produtos e serviços de cooperativas. Em 2024, pouco mais de 90 cooperativas gaúchas adotaram o selo. Sendo 2025 o Ano Internacional das Cooperativas, a adesão é particularmente importante, ampliando o alcance e impacto da comunicação coletiva. Pode ser aplicado em produtos, ponto de atendimento, de venda, sede, escritório, frota,

uniforme, envelope, carteirinha de convênio, cartão, totem de autoatendimento, estande em evento, cartaz, sites, redes sociais, aplicativos, assinaturas de e-mail, e-mail marketing, banners, telas de computador, entre outras possibilidades. Como parte das ações de comunicação planejadas pelo Sistema OCB para o ano especial, o carimbo #SomosCoop apareceu no programa Mais Você, da apresentadora Ana Maria Braga, na Rede Globo, em março.

O cooperativismo em números



O Sistema da Organização das Cooperativas do Estado do Rio Grande do Sul é composto por:

- **Ocergs** (Organização das Cooperativas do Estado do Rio Grande do Sul), que atua junto ao poder público, defende interesses do setor e fortalece a identidade do cooperativismo no Estado.
- **Sescoop/RS** (Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo no RS): desenvolve programas de educação, formação e qualidade de vida para cooperados, colaboradores e comunidades.
- **Escoop** (Escola Superior do Cooperativismo): a primeira e única instituição de ensino superior do País dedicada à formação cooperativista, com graduação, pós-graduação e programas de pesquisa e extensão.

A Escola Superior do Cooperativismo tem cursos personalizadas e de acordo com diagnósticos aplicados nas cooperativas. São identificados falhas e potenciais e, de acordo com isso, oferecidas as capacitações. A iniciativa tem selo do MEC nota 5. Os eixos dos cursos são: cooperativismo, governança, gestão e inovação.

Outra novidade na área de aprimoramento de cooperados é a página exclusiva para o Rio Grande do Sul na plataforma de ensino à distância CapacitaCoop, iniciativa do Sistema OCB, que oferta mais de 241 cursos gratuitos e certificados sobre o cooperativismo para cooperativistas.



BATUCA

A maior cooperativa
vitivinícola do Brasil
nasceu da união.

*E cresce
com ela.*

**Na Vinícola Aurora, temos
orgulho de ser cooperativa.**

De **16 famílias** que se uniram em 1931
por um ideal comum, chegamos, hoje,
a mais de **1.100 famílias** comprometidas
com um modelo mais justo e sustentável
de produção.

Nossa história é coletiva.

E é por isso que seguimos crescendo
juntos, brindando cada conquista do
cooperativismo brasileiro.

VINÍCOLA
AURORA
somoscoop

Sicredi gera R\$ 25,5 bi em benefícios econômicos para associados

Valor representa economia média de quase R\$ 3 mil por associado e confirma o papel do cooperativismo como motor de desenvolvimento

Em um cenário de constante busca por alternativas econômicas mais justas e sustentáveis, o cooperativismo de crédito tem mostrado resultados concretos para milhões de brasileiros. É o que revela o levantamento do Sicredi, ao contabilizar que, somente em 2024, os associados da primeira instituição financeira cooperativa do país receberam um total de R\$ 25,5 bilhões em benefícios econômicos — valor que representa uma economia média de R\$ 2.931,17 por associado. Os dados integram o Índice de Benefício Econômico do Sicredi (BES), metodologia que mede o retorno gerado pelas cooperativas aos seus associados com base em três pilares principais: condições mais vantajosas no crédito e nas aplicações financeiras, além da distribuição de resultados da instituição.

“Em uma realidade em que tantos ainda enfrentam desigualdade de acesso ao sistema financeiro, o valor que retornou aos associados por meio do Sicredi em 2024 não é apenas um número — é a prova de que é possível construir um modelo econômico mais inclusivo, participativo e eficiente, gerando prosperidade e fomentando a geração de emprego e renda. O cooperativismo de crédito mostra que o lucro pode, e deve, andar junto com o desenvolvimento das pessoas e das comunidades,” explica o diretor-executivo da Central Sicredi Sul/Sudeste, Leandro Gindri de Lima.

Ainda segundo o Sicredi, o BES é calculado com base em metodologia do Banco Central e foi auditado pela Ernst & Young. Os R\$ 25,5 bilhões em benefícios representam um crescimento de 8,5% em relação ao ano anterior, reforçando uma tendência de alta que se mantém nos últimos anos — foram R\$ 20,8 bilhões em 2022 e R\$ 23,5 bilhões

em 2023. Além dos resultados financeiros, o cooperativismo de crédito se destaca pelo retorno social que gera nas comunidades onde está presente. As sobras distribuídas anualmente e os recursos aplicados em programas de educação financeira, inclusão social e fortalecimento local contribuem para um desenvolvimento mais equilibrado e sustentável.

Promoção à inclusão econômica e social

O modelo cooperativista de crédito tem se destacado como um importante impulsionador do desenvolvimento no Brasil. É o que aponta recente estudo conduzido pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE), que avalia os impactos econômicos e sociais das cooperativas de crédito no país. Conforme o levantamento, a presença de cooperativas de crédito nos municípios brasileiros está associada a diversos benefícios locais. O estudo avaliou os impactos econômicos do crédito cooperativo. Os resultados mostraram que, para cada R\$ 1,00 concedido em crédito, são movimentados R\$ 2,56 na economia brasileira, com um acréscimo de R\$ 1,17 em valor adicionado, R\$ 0,11 em impostos arrecadados, e R\$ 0,50 em salários pagos.

“Os dados reforçam o papel estratégico do cooperativismo de crédito como agente de desenvolvimento sustentável no Brasil. O estudo da FIPE comprova que, além de oferecer acesso a soluções financeiras, as cooperativas geram um ciclo virtuoso de crescimento econômico, arrecadação e geração de renda nas comunidades onde atuam. No caso do Sicredi, são 680 pontos de atendimento no Rio Grande do Sul, o que demonstra o interesse em estar próximo ao associado. Isso representa mais de 97% de cobertura do território gaúcho”, explica Lima.

O estudo também mostra que a presença de cooperativas de crédito está associada a um incremento médio de R\$ 3.852 no PIB per capita dos municípios. Além disso, observa-se a geração de 25,3 empregos formais a mais por mil habitantes e um aumento de



Para cada R\$ 1,00 concedido em crédito, são movimentados R\$ 2,56 na economia brasileira

R\$ 115,4 na massa salarial média por habitante. O estímulo ao empreendedorismo também é evidente, com a abertura de 3,2 novos estabelecimentos por mil habitantes nas regiões atendidas. Os benefícios não param na economia, uma vez que as cooperativas também colaboram para a redução da pobreza e o avanço da educação. Os dados mostram uma redução de 20,5 famílias por mil habitantes no Cadastro Único, e de 12,3 famílias pobres por mil habitantes nos municípios atendidos.

Mais de R\$ 1 milhão por dia em investimento social

Com o propósito de promover a prosperidade de pessoas e comunidades onde está presente, o Sicredi alcançou, em 2024, um marco histórico em investimento social. No total, mais de R\$ 435 milhões foram destinados a projetos sociais no ano, valor oriundo do Fundo de Assistência Técnica, Educacional e Social (FATES), do Fundo Social, de doações, leis de incentivo e patrocínios socioculturais realizados pelas cooperativas de crédito que integram o Sicredi.

“Esse montante equivale a mais de R\$ 1 milhão investido por dia em ações que fortalecem comunidades e impulsionam o desenvolvimento local

porque o modelo cooperativista tem como princípio o interesse pela comunidade. Cada projeto apoiado simboliza o nosso compromisso de estar presente e atuante em cada localidade onde estamos inseridos”, reforça Lima. O valor representa um crescimento de 11,5% em comparação com o ano anterior.

Outra importante fonte de recursos é o Fundo Social Sicredi,

que direciona parte dos resultados das cooperativas para projetos de interesse coletivo nas áreas de educação, cultura, esporte, meio ambiente, segurança, inclusão social, entre outros temas alinhados aos princípios do cooperativismo. Em 2024, mais de R\$ 75,5 milhões foram investidos por meio do Fundo Social, beneficiando 7.324 projetos e impactando diretamente mais de 7,2 milhões de pessoas em todo o país.



O cooperativismo de crédito tem papel estratégico no desenvolvimento sustentável no Brasil



**Promover um
cuidado que
aproxima e impacta:
esse é o jeito
Unimed de cooperar.**

Cooperar é um verbo. Cuidar e transformar também.
E são eles que escolhemos conjugar todos os dias.

Nas nossas unidades, quando você mais precisa.
Nos plantões, a qualquer hora do dia ou da noite.
Em grandes eventos, garantindo segurança.
Nos projetos Viver Bem, promovendo uma vida mais saudável.

Nada disso seria possível se não fosse juntos.
Nascemos uma cooperativa de 30 médicos;
hoje somos a maior rede de cuidado do mundo.

Foi trabalhando e cuidando juntos que salvamos vidas,
protegemos famílias, transformamos histórias.

Esse é nosso jeito de cooperar.
E é desse jeito que cuidamos de você. Todo dia.

Entrevista

Cooperativismo gaúcho investe em capacitação e em estratégias comerciais

Darci Hartmann destaca a importância de buscar mercado para o que é produzido sob o modelo

Mauro Belo Schneider

O setor cooperativo no Rio Grande do Sul passa por um momento de transformação. Conforme Darci Hartmann, presidente do Sistema Ocergs, por muito tempo não se olhou tanto para a parte comercial do que era produzido pelos negócios, o que faz, agora, com que se invista em capacitação nessa área. Exemplo dessa virada de chave é a montagem de um espaço inédito dedicado às cooperativas na Expoagas deste ano, que ocorre em agosto, em Porto Alegre. Durante a feira supermercadista, elas terão a oportunidade de expor e vender suas mercadorias. Confira, na entrevista, o panorama de um segmento tão importante para o Rio Grande do Sul e que tem a cidade de Nova Petrópolis como um de seus principais polos.

Jornal do Comércio – Como está o cenário do cooperativismo no Rio Grande do Sul atualmente?

Darci Hartmann - Estamos bastante satisfeitos, temos 372 cooperativas e 4 milhões de associados. Apesar de toda a dificuldade que nós tivemos ao passarmos pela enchente, já teve uma seca novamente. Mesmo assim, temos números muito interessantes para mostrar, números de investimentos substanciais que o cooperativismo do Rio Grande do Sul está fazendo.

JC – Qual o foco dos trabalhos?

Hartmann – Hoje estamos trabalhando com muita intensidade porque esse mês de julho é o mês do cooperativismo. No dia 5 (neste sábado) vamos festejar o Ano Internacional do Cooperativismo, instituído pela Organização das Nações Unidas (ONU). Vamos trabalhar com a COP30 também. Temos, ainda, o Projeto 365, de reestruturação do solo e que busca a fertilidade em cima desse novo patamar climático. Ele trabalha em quatro vertentes que são fundamentais. Uma é a cobertura de palha do solo o ano

inteiro. A segunda questão é a fertilização do solo com calcário de 60cm de profundidade. A terceira é a rotação de culturas, voltar a plantar mais milho para ter mais palha. Em quarto lugar, a questão da irrigação, que é um patamar que a gente tem que continuar debatendo dentro dos conceitos de preservação ambiental. Tudo isso é um projeto para cinco anos. Até porque a velocidade vai depender da capacidade financeira, que hoje é pouca para o produtor. Ele precisa começar a colher melhor, precisa ter safras normais para continuar reinvestindo dentro desse projeto, mas, acima de tudo, para adaptar o agro em cima desse novo fator climático que nós estamos tendo hoje.

JC – Que exemplos vocês levam à COP30, em Belém?

Hartmann - Essas iniciativas que buscam a questão da recuperação do solo e a questão das cooperativas de crédito. Nova Petrópolis é um ecossistema que acaba levando o desenvolvimento regional. Aqui em Porto Alegre, a Cootravipa é uma cooperativa referência pela inserção de muitos trabalhadores na economia. Então, são essas iniciativas que a gente pretende demonstrar na COP30.

JC – Na Expointer, vocês montam um mercado só com produtos de cooperativas gaúchas. O público reconhece o valor do que é feito neste conceito?

Hartmann - Estamos trabalhando muito forte, temos o selo Somos Coop, que é uma adesão voluntária



A gente identifica necessidades das cooperativas e apoia com consultorias para o desenvolvimento dos negócios



Presidente do Sistema Ocergs conta que, pela 1ª vez, será montado um estande da entidade na Expoagas

das cooperativas para mostrar os produtos do cooperativismo. Nesse ano, no planejamento estratégico, também trabalhamos muito forte a questão da promoção comercial, sendo a primeira vez que vamos para a Expoagas.

JC – Como será a participação na feira supermercadista?

Hartmann - A Ocergs vai ter um estande onde as cooperativas menores, pois algumas maiores já têm o seu, vão ter a oportunidade de expor seus produtos para fazer as comercializações, fazer as suas vendas, para começar a ocupar esse espaço. Então, tem sido um trabalho muito bonito, muito interessante no que diz respeito ao crescimento dessa atividade, porque tem que produzir, mas tem que buscar mercado também. O Somos Coop é um selo que foi instituído pela Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), e o Rio Grande do Sul é o estado que tem mais adesão.

JC – O que o senhor pretende conquistar à frente da Ocergs até o fim do seu mandato?

Hartmann - Acho que o trabalho vai continuar com muita velocidade na questão da valorização das marcas, do processo de comercialização com foco muito forte na questão da gestão, da profissionalização do sistema cooperativo, dando consultorias para que as cooperativas possam continuar competindo melhor, se eventualmente algumas têm dificuldades, investindo também no processo educacional e trabalhar com muita intensidade a questão da representação, do ato cooperativo, em nível estadual e federal, para que nós possamos realmente preservar os direitos do sistema cooperativo.

JC – Há algum grande investimento previsto entre as cooperativas do Rio Grande do Sul para os próximos anos?

Hartman - Três cooperativas do

ramo agropecuário devem formar uma indústria (de produção de biodiesel). Através dos nossos diagnósticos, a gente identifica essas necessidades das cooperativas e apoia com consultorias para desenvolvimento de negócios também. Não só para a parte de gestão e governança, mas também para parte de negócios. No caso dessas três cooperativas, fizemos todo o diagnóstico da viabilidade econômica. É a Soliz, que é das cooperativas Cotrijal, de Não-Me-Toque, Cotrisal, de Sarandi, e Cotripal, de Panambi. Um investimento de R\$ 1,2 bilhão.

JC – Quais setores se destacam na busca por capacitação?

Hartmann - As cooperativas, nos seus ramos, têm suas especificações e dificuldades. Por exemplo, as de crédito, estão ligadas ao Banco Central, tem todo o sistema unitário de formação. Então, nessas, especificamente, a gente não trabalha tanto nas consultorias. Trabalhamos mais na capacitação estratégica, nas viagens internacionais. As cooperativas de energia e infraestrutura estão ligadas à Aneel, que tem toda uma regulamentação do governo federal. As cooperativas de saúde, que são as Unimed, também tem regulamentação. As que mais usam, portanto, são as cooperativas agropecuárias.



Escoop oferece cursos de graduação, de extensão e de pós para o ramo

EVANDRO OLIVEIRA/JC

Qualificação

Porto Alegre tem Ensino Superior voltado ao segmento

Mário de Conto, superintendente do Sistema Ocergs, conta que a Escoop é a única escola de Ensino Superior do Brasil voltada ao setor do cooperativismo. Aberta em 2011, em Porto Alegre, ela tem nota máxima (5) do Ministério da Educação (MEC). Conto lembra que, quando a faculdade foi criada, a pós-graduação era o principal foco. Hoje as pessoas buscam mais cursos de curta duração.

“Temos muitos cursos de pós-graduação, que também foram migrando, por exemplo, para a gestão da inovação em cooperativas. Há muitos aqui no interior do Estado, que fazemos em parceria com as cooperativas”, detalha.

Na extensão, são trabalhadas questões específicas para que as cooperativas foquem em suas necessidades. Elas podem, inclusive, pedir

cursos customizados aos conselheiros, diz Conto. A Sescop tem anunciado investimentos na área de inovação para as cooperativas em cursos de liderança e gestão, e os projetos sociais chegaram a R\$ 3 milhões em vários municípios pelo interior.

A Escoop trabalha, inclusive, para diversos estados do País, não apenas no Rio Grande do Sul, com aulas online e presenciais. Professores, muitas vezes, são enviados para locais como Sergipe, Bahia e Pará, exemplos de polos onde há programas de pós-graduação.

A primeira experiência, que culminou na criação da faculdade, ocorreu entre os anos de 2007 e 2010, no Curso Superior de formação específica em Gestão de Cooperativas, o Gescoop, realizado em parceria com a Univates, de Lajeado.



EVANDRO OLIVEIRA/JC

Mário de Conto explica que cursos podem ser customizados conforme as demandas das cooperativas

A Escoop foi credenciada pela Portaria MEC nº 994, de 19 de julho de 2011, assinada pelo ministro da Educação da época, Fernando Haddad, que autorizou o funcionamento da primeira faculdade voltada exclusivamente ao Cooperativismo no

Brasil, publicada no Diário Oficial da União (DOU) de 20/07/2011, iniciando suas atividades em 2012.

O centro educacional funciona na avenida Berlim, nº 409, no bairro Floresta, em Porto Alegre. No local, ficam as salas de aula, um espaço de

convivência, uma biblioteca, auditórios e, agora, toda gestão do Sistema Ocergs trabalha do endereço também. Durante a enchente, o espaço ficou alagado, o que demandou esforços na recuperação para a retomada das atividades.

COOPERAR É O QUE NOS MOVE.

Nossa força está em fazer
juntos, cuidando da terra e
das pessoas que vivem nela.

GARIBALDI
COOPERATIVA VINÍCOLA
A vida em harmonia

somos
coop



Acesse o QR Code
e saiba mais.

Crédito

Sicoob projeta liberar R\$ 60 bilhões para o Plano Safra

O Sicoob prevê a liberação de R\$ 60 bilhões em crédito rural para o Plano Safra 2025/2026. O valor representa um crescimento de 8% na oferta de crédito rural em relação ao último ciclo, quando foram liberados R\$ 55,4 bilhões para o setor. Do total projetado no País, R\$ 10

bilhões devem ser operados pelas cooperativas filiadas ao Sicoob Central SC/RS, que atuam no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e em parte do Paraná.

Do total estimado para o ciclo 2025/26 no País, a expectativa é que R\$ 24,6 bilhões sejam destinados

ao custeio e industrialização da produção, R\$ 9 bilhões referentes a investimentos em modernização e infraestrutura, e R\$ 4,2 bilhões à comercialização. O restante dos recursos serão liberados via Cédula de Produto Rural Financeira (CPRF).

Na divisão por porte, cerca de 30% devem contemplar pequenos e médios produtores, com destaque para R\$ 7,2 bilhões em operações do Pronaf e R\$ 10,8 bilhões via Pronamp. Para Marco Aurélio Almada, diretor-presidente do Centro Cooperativo Sicoob, o desafio da instituição é atuar como um parceiro constante para os produtores rurais. “Quem conhece o agronegócio sabe que nem sempre o produtor rural pode contar com o mesmo banco em todos os Planos Safra. Por isso, a nossa proposta é jamais deixar o nosso produtor rural na mão. Se o cenário é otimista, nós estamos ao lado do produtor rural, mas quando os desafios para o produtor rural crescem, e o interesse de financiamento dos bancos convencionais diminui, o Sicoob continua ao lado do produtor rural”, afirma.



SICOOB/DIVULGA??O/JC

Cooperativa destinará 30% do valor aos pequenos e médios produtores

Montante local

● As cooperativas ligadas ao Sicoob Central SC/RS encerraram o Plano Safra 2024/2025 com R\$ 9,5 bilhões em crédito rural liberado. O valor, 27% maior do que o liberado no ciclo 2023/2024, é o recorde registrado pela instituição no Sul do Brasil. Do

total, R\$ 1,6 bilhão (18%) foi destinado a produtores do RS. ●Presidente do Sicoob Central SC/RS, Rui Schneider da Silva afirma que o volume recorde de crédito rural liberado no Sul do Brasil se deve à confiança que os produtores rurais têm na instituição financeira.

Hoje celebramos mais do que uma data. Celebramos um jeito de ser, de fazer e de viver. O cooperativismo é a semente plantada por quem acredita que sozinho se vai rápido, mas juntos se vai mais longe.

Porque quando cooperamos, compartilhamos não apenas recursos, mas sonhos. Sonhos de crescer com dignidade, de produzir com propósito, de garantir que as gerações que virão encontrem um campo fértil – de oportunidades, de valores e de pertencimento.

Acreditamos que cooperar é mais do que uma escolha: é um legado. Um compromisso com o futuro, enraizado na confiança e regado pelo trabalho coletivo.

5 de julho

Dia Internacional do Cooperativismo



cotrijal

somos coop

2025

Ano Internacional das Cooperativas



*Na Uniodonto, cada sorriso é a manifestação do nosso cuidado,
experiência e compromisso com a saúde e o bem-estar.*

*Há décadas unimos profissionais dedicados,
tecnologia e atendimento humanizado para
transformar sorrisos
em histórias felizes.*



ANS Nº 30542 - 1



uniodonto® 

Sorrisos constroem um mundo **melhor.**



Crédito

‘Muito do que o Sicredi faz não é sozinho’, diz Port

Em 2024, a cooperativa abriu 15 novas agências no Estado

Loraine Luz, especial para o JC

Registrar crescimento em um ano cheio de dificuldades para o Estado, como foi 2024, pode soar improvável para uma instituição monetária. No caso de uma cooperativa financeira, faz todo o sentido. “Se os bancos se retraem, o que as pessoas fazem? Vêm para a cooperativa. Acabamos crescendo nos momentos de maior adversidade”, explica Márcio Port, presidente da Central Sicredi Sul/Sudeste. Em 2024, a cooperativa abriu 15 novas agências no Estado; para 2025, estão previstas outras 25, a maioria em municípios com em torno de 20 mil habitantes.

Na entrevista a seguir, Port detalha por que o Sicredi consolida sua importância para o desenvolvimento gaúcho. Mais de 40% dos contratos de crédito rural no Estado estão com a instituição, que testemunha a realidade de produtores afetados por perdas de safra e endividamento crescente. Impulsionado pelo agrogêcio, o Produto Interno Bruto (PIB) gaúcho ficou positivo 1,3% no primeiro trimestre de 2025 na comparação com o trimestre anterior. “Às vezes, as pessoas dizem: ‘Poxa, mas vocês falam tanto do agro’”, comenta Port. “Não tem como não falar disso em um Estado com essa vocação”, justifica. A resiliência climática - ora por estiagens, ora por enchentes - é um compromisso na cooperativa, mas nada é realizado de modo solitário. “Muito do que o Sicredi faz não é sozinho. Temos parcerias com muitas associações comerciais, sindicatos, Emater e Sebrae. As parcerias não ocorrem em Porto Alegre, mas sim no interior, pelo fato de o gerente do Sicredi conhecer o gerente da Emater ou a pessoa do Sebrae da região e assim por diante. Isso abre um leque de oportunidades muito grande para o município”, afirma.

Jornal do Comércio - Com 30% da população adulta gaúcha de alguma forma ligada ao Sicredi, devem passar pela cooperativa as mais diversas histórias envolvendo enchente e estiagem, não é?

Márcio Port - Em estiagem, o número é até mais impactante. Somos responsáveis por 43% de todos

os contratos de crédito rural do Rio Grande do Sul. Então, dos produtores que tiveram problemas, que perderam eventualmente tudo com a estiagem, 43% deles vêm até o Sicredi para buscar uma prorrogação nesse momento.

JC - Estiagens sucessivas, depois enchente histórica e antes ainda pandemia. É o período mais desafiador para a cooperativa?

Port - Vivemos anos bem difíceis no Rio Grande do Sul, tanto em aspectos econômicos como sociais. É nossa preocupação enquanto Sicredi encontrar mecanismos para fazer nosso Estado voltar a crescer. A resiliência é uma característica gaúcha. Mas, diante de vários anos tão difíceis, é importante que todos tenham muito presente essa questão de como fazer para voltar a crescer e desenvolver o Estado, tanto no aspecto econômico como no social. Nos perguntamos muito sobre isso.

JC - Que mecanismos são esses no Sicredi?

Port - Na linha do enfrentamento, seja de pandemia ou de enchentes, o Sicredi foi um dos maiores operadores dos recursos públicos federais. Nem sempre outras instituições têm a mesma inserção, a mesma penetração, a mesma proximidade que as cooperativas têm. Quanto ao mecanismo pelo aspecto financeiro, é fazer, de fato, com que essas linhas de crédito cheguem a quem mais precisa. No Pronampe Solidário, por exemplo, liberamos R\$ 1,1 bilhão no ano passado e mais R\$ 1,9 bilhão de BNDES Reconstrução. O próprio BNDES reconheceu no Sicredi o maior agente financiador para fazer com que políticas públicas cheguem na mão das pessoas.

JC - As consequências da enchente de 2024 ainda reverberam?

Port - Sim, até porque temos várias cidades que não voltaram a ser o que eram antes. Em locais como Cruzeiro do Sul, Muçum, Roca Sales, os efeitos ficarão por muito tempo ainda. O Sicredi, em nível nacional, disponibilizou R\$ 90 milhões para enfrentamento aos impactos da enchente do ano passado. Foram usados das mais diversas formas: reconstrução de escola, educação, pontes, estradas.

JC - Quais foram os principais avanços institucionais, financeiros ou sociais conquistados pelo



Márcio Port calcula que mais de 40% dos contratos de crédito rural no Estado estão com a instituição

Sicredi nesse último ciclo?

Port - Minhar resposta não tem nenhum vínculo com o financeiro, com o social, mas com o institucional. É a questão do reconhecimento da marca e apoio nos momentos de dificuldade. Se pegarmos a história do cooperativismo, as primeiras cooperativas surgiram como mecanismos para contornar as crises. No momento de crise, o que é comum acontecer? Pego o exemplo de uma instituição financeira. É normal que os bancos se retraiam, saiam da região. Qual é a instituição financeira que vai instalar uma agência num país que está em guerra? O mesmo vale para o que vivemos no nosso Estado. No bairro Matias Velho, em Canoas, tinham quatro agências bancárias: o Sicredi mais três. Depois da enchente do ano passado, o único que reabriu a agência foi o Sicredi. Tivemos um grande reconhecimento da comunidade em geral, da sociedade, dos associados, do quanto as cooperativas fazem a diferença no dia a dia.

JC - Sobre investimentos em estrutura e inovação, o que destacaria neste último ano?

Port - Temos trabalhado bastante na questão de digitalização. Avancamos no aplicativo, que é um dos mais bem avaliados. Já usamos IA para atendimento do associado. Em 2024, foram 9 milhões de atendimentos. Hoje, 70% dos atendimentos são por IA. Se não usássemos inteligência artificial hoje, seria necessário mais ou menos 1,5 mil pessoas a mais trabalhando no Sicredi.

JC - Essas 25 novas agências são em alguma região específica ou estão bem espalhadas?

Port - Bem espalhadas. Por vezes é uma segunda agência em um município que já estamos. Mas não

dá para dizer que estão concentradas. São 38 cooperativas do Sicredi que atuam no Estado. Cada uma dessas 38 define qual é a prioridade do ano: se é reformar uma agência que já existe, se manter aquela que tinha ou abrir uma nova. São características distintas. Em Bagé, por exemplo, vamos inaugurar uma agência no centro da cidade no dia 11 de julho, mas o Sicredi já está presente na cidade há 40 anos.

JC - Como a Sicredi projeta o futuro do cooperativismo financeiro?

Port - Cada uma dessas 38 cooperativas está definindo suas próprias metas. Não existe uma meta macro do Sicredi. Existe o que cada cooperativa se propõe a fazer localmente. Avaliar o que é necessário para retomar o desenvolvimento, fazer o Rio Grande do Sul voltar para os mesmos patamares que tínhamos antes da pandemia e retomar sua posição de destaque em nível nacional.

Sicredi RS tem a maior rede de atendimento no Estado

- Está presente em 484 municípios, o que representa 97% do Estado.
- É a única instituição financeira em 32 municípios.
- Presença significativa em cidades com menos de 10 mil habitantes, onde até 70% da população pode ser associada.
- Tem 2,7 milhões de associados no RS (cerca de 30% da população adulta).
- 30% das empresas gaúchas são associadas.
- Crescimento superior a 20% ao ano, mesmo em cenários adversos.
- Maior financiador em número de operações no RS; em valores, é o segundo (atrás do Banco do Brasil).

Em termos de crescimento, algo em torno de 20% é o que imaginamos.

JC - Como a cooperativa vai se posicionar nesse cenário mais positivo no futuro, de um Rio Grande do Sul de volta a uma posição de destaque?

Port - Já somos protagonistas hoje, já somos fortes, mas o que visualizamos é, além de sermos protagonistas, sermos também mais reconhecidos como protagonistas. Então, esse é um trabalho que fazemos no sentido de comunicar mais. É natural que os bancos fechem suas agências em pequenos municípios. Isso tem acontecido de forma muito forte nos últimos anos. As cooperativas continuam inaugurando agências. Por vezes alguém pergunta se não estamos no caminho contrário. As cooperativas têm se expandido e ganham mercado justamente nessa janela de oportunidade que os bancos estão deixando para trás.

- Soma atualmente 49 mil colaboradores no País.
- Entre as ações envolvendo educação, são destaques o programa A União Faz a Vida, criado em 1995 e presente em mais de mil escolas, e o projeto Cooperativas Escolares, que está em 255 instituições de ensino de 122 municípios - iniciativa iniciada em 2010.
- Em 2023, R\$ 30 milhões foram investidos em projetos sociais no RS (educação, cultura, saúde). Nacionalmente, o Sicredi destinou R\$ 75 milhões - superando, por exemplo, programas como o Criança Esperança, que distribui R\$ 15 milhões por ano.

SICREDI/DIVULGAÇÃO/JC

**Se você está lendo esse anúncio,
já cooperou com a celebração desse dia.**

Colaboração, o maior valor do cooperativismo.



Refletir sobre o valor de cooperar já é um ato de cooperação. Afinal, o cooperativismo começa assim: prestando atenção no outro, dividindo ideias, somando esforços. No Sicoob, acreditamos que cada gesto conta para construir comunidades mais fortes e um futuro mais justo e próspero para todos. Hoje, você já deu o primeiro passo. Vamos juntos dar os próximos?

5 de julho. Dia Internacional do Cooperativismo.



CENTRAL DE ATENDIMENTO: Capitais e regiões metropolitanas: 4000 1111 | **Demais localidades:** 0800 642 0000 | **SAC 24 horas:** 0800 724 4420 | **Ouvidoria:** 0800 725 0996 – de seg. a sex., das 8h às 20h | ouvidoriasicoob.com.br | **Deficientes auditivos ou de fala:** 0800 940 0458 – de seg. a sex., das 8h às 20h

SICOOB.COM.BR/MAISQUEUMAESCOLHA



Crédito

Parceria com cooperativas gera aproximação com a sociedade

Icatu trabalha junto ao modelo de negócio há mais de duas décadas

Mauro Belo Schneider

O envolvimento da Icatu com o setor de cooperativismo é intenso há mais de duas décadas. Tanto que um andar inteiro de seu escritório, no Centro de Porto Alegre, é dedicado à Icatu Cooper, atendendo demandas do segmento em todo o Brasil. Segundo César Saut, vice-presidente corporativo da Icatu Seguros e presidente da Rio Grande Seguros, o negócio acompanha a performance do setor, servindo como um aliado.

“Nós somos complementares. Não somos o protagonista. Somos um instrumento de complementariedade para o cooperativismo”, afirma o executivo na entrevista a seguir.

Jornal do Comércio - Como é o envolvimento de vocês com o cooperativismo?

César Saut - Eu, na pessoa física, sou associado de uma cooperativa. Meu pai era. Então, tenho uma trajetória de vida próxima do cooperativismo. O cooperativismo, na realidade, é um mutualismo organizado, uma sociedade de pessoas. E o cooperativismo de crédito é um mutualismo organizado para o desenvolvimento econômico daquela sociedade. Seguradora é mutualismo organizado também. Só que não é um mutualismo para desenvolver economicamente uma sociedade, é um mutualismo para proteger economicamente uma sociedade. A essência de uma seguradora e de uma cooperativa é a mesma, são duas sociedades de pessoas, são dois processos de mutualismo organizado. Botamos capital e concedemos capital. A gente bota capital como investimento, concede capital como estímulo ao desenvolvimento.

JC - Mas por que a aproximação da Icatu com o cooperativismo?

Saut - Porque a gente está colando proteção da sociedade com desenvolvimento da sociedade. É disso que se trata. Por isso que a

Icatu, como ente técnico, de proteção, de seguro e previdência, se associa com o cooperativismo. Para proteger a sociedade que o cooperativismo está tentando desenvolver. É uma junção de dois empreendimentos que tem, basicamente, a mesma lógica. E a mesma essência.

JC - Como funciona a capilaridade?

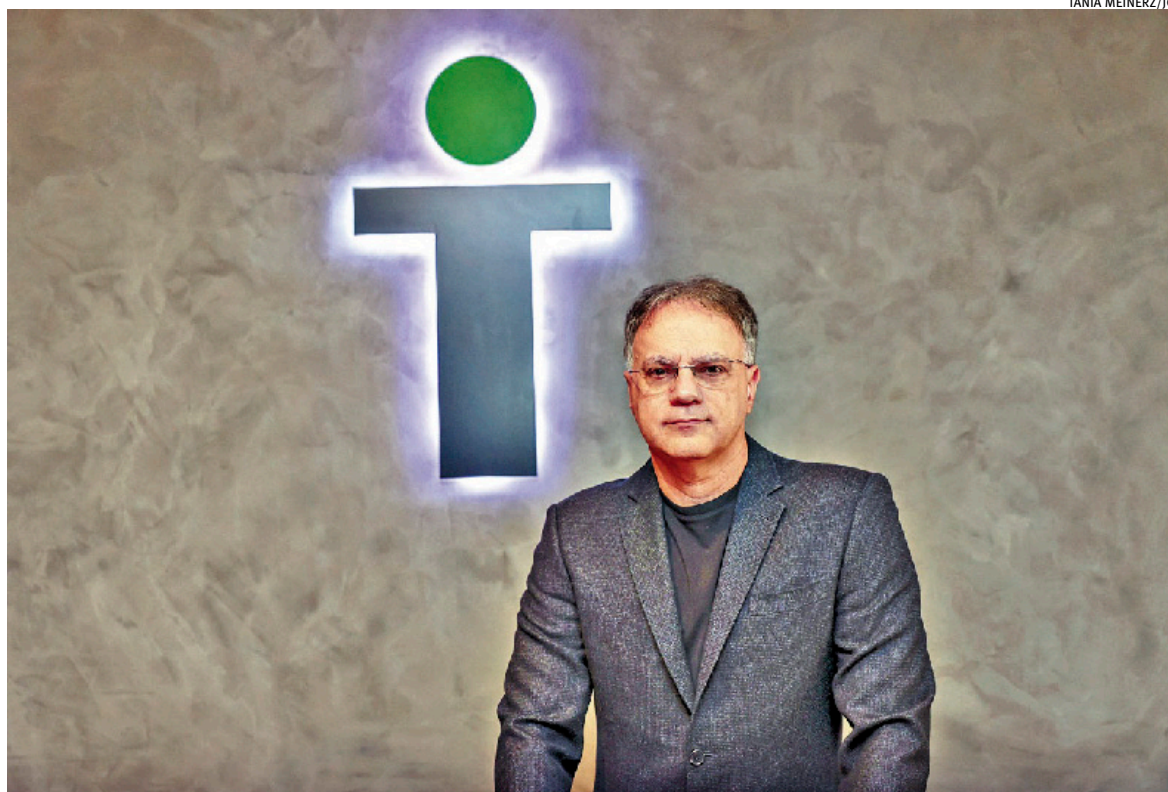
Saut - A Icatu tem uma vertical chamada Icatu Cooper, para tratar especificamente o cooperativismo. A gente tem uma equipe dedicada para atender especificamente o cooperativismo. Então, as operações da Icatu dedicadas ao cooperativismo são tratadas de forma diferente.

JC - Por quê?

Saut - Porque uma cooperativa tem um conceito diferente. Uma cooperativa é toda voltada a um associado. Tu tens muito conceito de first in, first out. A primeira demanda é o primeiro atendimento. Ela não vai ter uma ordem de priorização, por exemplo, pelo potencial econômico do cliente. Ela vai ter uma ordem de priorização equânime, porque todos os associados são iguais. A cooperativa tem um conceito diferente, um fluxo próprio. Numa cooperativa, o associado não é cliente, ele é dono. É muito diferente. Quando tu falas de uma cooperativa, ela não tem clientes, ela tem sócios e o sócio é dono. Quantos donos o Sicred tem hoje? 10 milhões. O associado é dono, no banco o cliente é cliente. São sociedades absolutamente distintas, apesar de terem objetivos iguais. Um banco quer dar um crédito para ela. Uma cooperativa quer



Em alguns lugares do mundo, o cooperativismo de crédito é metade do sistema financeiro ou mais



TÂNIA MEINERZ/JC

César Saut diferencia o papel das cooperativas de crédito em relação aos bancos tradicionais

concentrar a vida financeira dela em um princípio diferente. Apesar de terem como objeto o mesmo produto, o objetivo do banco é vender crédito, o objetivo de uma cooperativa é vender crédito, o banco faz produto para vender para o cliente, a cooperativa vê qual a necessidade do associado e faz o produto para atender o associado. Uma cooperativa tem sobras, um banco tem lucro.

JC - Mas não é a mesma coisa?

Saut - Não. Porque quando a cooperativa tem lucro, que são as sobras, ela vai dividir com os associados. Quando a operação do banco tem lucro, ela está pagando para os acionistas.

JC - E essa estrutura toda que vocês montaram atende isso?

Saut - A estrutura que foi montada foi desenvolvida para entender e para personalizar. Tu tem que personalizar a parte técnica. A parte técnica é outra, a política de aceitação de seguros é outra, a precificação é outra, a política de pagamento de indenização é outra. Trabalha com um regramento próprio.

JC - Que lugar vocês querem chegar com esse ramo?

Saut - O entendimento da ONU é que o cooperativismo é um movimento social irreversível. Em alguns lugares do mundo, o cooperativismo de crédito é metade do sistema financeiro ou mais. E o cooperativismo é um representante legítimo das sociedades. Qual é o nosso sonho grande? É democratizar o acesso ao seguro no Brasil. Cada vez o seguro tem mais abrangência. E o cooperativismo pode ser um dos melhores veículos para isso. Porque o cooperativismo de crédito, que nasceu há muito tempo, mas que cresceu nos últimos anos, já passa de 20 bilhões

de associados. Aonde vai chegar? Será cada vez mais expressivo. O cooperativismo tem um movimento contracultural dos bancos, até a estrutura está demonstrando. Enquanto os bancos fecham agências e desatendem fisicamente a sociedade, o cooperativismo de crédito abre agências para dentro do País, que é um ente da sociedade, formado pela sociedade. Olha o valor disso. Uma coisa muito interessante também é que a Icatu é um empreendimento brasileiro feito para brasileiros. Uma empresa brasileira. O cooperativismo é um empreendimento inspirado pelo mundo, mas feito aqui, desenvolvido aqui, que não é expatriado.

JC - O cooperativismo exige uma gestão complexa?

Saut - Sim, pois quando eu me relaciono com o banco, eu fecho com o banco, e há um regramento. Quando me relaciono com o cooperativismo, o Sicredi tem 103 presidentes de cooperativas, por exemplo, tenho que me comunicar e me relacionar com o consenso desses 103. É muito diferente. Ele é mais burocrático, mas também é muito mais seguro, porque aquilo que é debatido entre muitos, vai chegar mais filtrado, mais consensual. É mais fácil um erro do que quando há diálogo com o sistema cooperativo. É, sim, mais trabalhoso. Entre ontem e hoje, a gente fez três reuniões com lideranças do Sicredi. E daqui a duas semanas estamos indo para a Suécia para um evento em Estocolmo. Sabe quantas lideranças o Brasil deve estar levando? Cerca de 500. A gente teve um evento fantástico, organizado em Nova Petrópolis há poucos dias, chamado Legado Coop, havia 1 mil lideranças. Aquelas 1 mil lideranças representavam mais

de 20 milhões de associados. É um negócio complexo se relacionar com tantas lideranças, é um aprendizado constante. É intenso, mas é bacana, porque, no final das contas, aquelas 1 mil lideranças vão te repassar as necessidades das suas sociedades e tu vais desenvolver os teus produtos e os teus processos da forma mais adequada possível à centralidade do indivíduo, porque aquelas pessoas representam o que o indivíduo precisa e quer. Não o produto que tu inventou e está distribuindo porque tu queres, mas porque aquelas pessoas disseram.

JC - O setor busca profissionalização constante...

Saut - O tempo inteiro eles estão treinando gente em algum lugar do mundo. É da essência do cooperativismo de crédito.

JC - Qual a relação do cooperativismo com o conceito ESG?

Saut - O cooperativismo nasceu ESG. Uma cooperativa, primeiro, tem função social, socioambiental latente. Nas enchentes, a gente viu isso. Quem foi a primeira instituição a abrir as portas? E quem foi a última a fechar? As cooperativas e as igrejas. Porque são instituições da comunidade. As cooperativas nascem com uma transparência alta, com uma lógica de assembleia, de responsabilidade social e de preocupação com aquelas pequenas comunidades. Elas cumprem as normas da ESG cem anos antes da ESG existir.

JC - Qual expectativa de crescimento do braço cooperativismo?

Saut - Deve acompanhar o crescimento do cooperativismo. Nem mais, nem menos. Somos complementares, não o protagonista. Somos um instrumento de complementariedade para o cooperativismo.

Crédito

Unicred: princípios reforçados em período adverso

Explorando uma das grandes vantagens do modelo cooperativista — a capacidade de modular produtos e serviços conforme a necessidade dos associados —, a Unicred Geração amplia o portfólio com soluções personalizadas, incluindo assessoria financeira especializada.

O lançamento da ZIIN, uma plataforma de investimentos, é exemplo. Segundo Marcelo Hoffmeister, diretor de Desenvolvimento e Negócios da cooperativa, seu uso desmitifica a relação de cooperados com as finanças.

“Cuidar da saúde financeira vai

além de falar sobre dinheiro — é construir tranquilidade, liberdade de escolha e prosperidade duradoura”, analisa Hoffmeister. Esse propósito foi fortemente testado em 2024, repleto de desafios, como estiagem e enchente, com impacto na produção agrícola, na infraestrutura logística e urbana. Para além disso, a crise fiscal do Estado também preocupava o segmento.

Foi preciso concentrar energia nas diretrizes que sustentam a lógica cooperativista.

“Seguimos apostando em nossos princípios norteadores, que são base de todo o cooperativismo, como a sustentabilidade econômica, a educação financeira e o apoio e desenvolvimento às comunidades em que estamos inseridos”, garante.

Hoffmeister lembra que, entre as vantagens oferecidas por uma cooperativa, estão o atendimento pessoal, as condições competitivas, a transparência nas informações, além da participação dos cooperados nos resultados de sua cooperativa e nas decisões dela, a partir das assembleias.



UNICRED/DIVULGAÇÃO/JC

Hoffmeister reforça compromisso com desenvolvimento de comunidades

Os destaques no último ciclo

- Lançamento da ZIIN — uma plataforma de investimentos segura com curadoria especializada.
- Durante a Semana Nacional de Educação Financeira de 2025, foram promovidas mais de 100 ações gratuitas, impactando diretamente mais de 10 mil pessoas, envolvendo mais de 200 colaboradores voluntários.
- Lançamento do Cartão Ímpar, com benefícios exclusivos.
- Reconhecimento entre os melhores cartões Visa para compras internacionais e viagens.



Cooperar é fazer parte do círculo!

Neste 5 de julho, celebramos o Dia Internacional do Cooperativismo, data que reconhece o poder das cooperativas na construção de um mundo mais justo, inovador e colaborativo.

A identidade visual da Coprel nos lembra disso: o símbolo reúne círculos de diferentes tamanhos na composição da letra “C”: de Coprel, de cooperativa, de cooperante e de colaborador. Independente do tamanho, todos fazem parte de um mesmo círculo — onde compartilham decisões e constroem o futuro.

Porque cooperar é estar presente. É transformar realidades com proximidade, inclusão e propósito.



Saúde

IA aplicada na área da saúde personaliza cuidado

A saúde suplementar enfrenta um cenário complexo devido a projeções econômicas restritivas de crescimento do PIB, altas taxas de juros e expectativa de desemprego. Presidente do Conselho de Administração da Unimed Porto Alegre, Márcio Pizzato avalia que esse contexto pode resultar na redução da carteira de beneficiários do setor. Os principais pontos de atenção incluem o envelhecimento populacional mundial e o aumento da demanda por terapias especiais.

“Para nós, o envelhecimento exige especial atenção, pois o Rio Grande do Sul se destaca com a população mais envelhecida do País. Sabemos que o maior volume de custos está concentrado na faixa etária acima de 60 anos”, aponta, citando as demandas desta faixa etária decorrentes da maior incidência de doenças crônicas, da frequência de hospitalizações e procedimentos complexos, do uso de serviços de longa duração e cuidados específicos, do maior consumo de medicamentos e exames, além da necessidade de profissionais especializados. Em relação às terapias especiais, o número de usuários vem crescendo e a complexidade do atendimento também. Isso encarece procedimentos e pressiona por mais investimentos. “A Unimed Porto Alegre segue dedicada a superar os gargalos que já se apresentaram e estamos fortes para superar os que virão. Estamos trabalhando de forma intensa em repensar o sistema e trazer novas soluções”, garante o presidente.

Cinquentenária, a cooperativa é uma das maiores operadoras de saúde do Brasil. “Atingimos a marca histórica de mais de 660 mil clientes. São mais de 660 mil vidas que confiam o seu bem mais precioso, a sua saúde, a nós”, ressalta Pizzato. A Unimed POA conta com mais de 2 mil colaboradores e mais de 6,8 mil médicos em 46 municípios da Região Metropolitana, Litoral Norte e região Centro Sul.

Com a ajuda de algoritmos e modelos preditivos, a cooperativa tem implementado estratégias de cuidado personalizado efetivo. Projetos estratégicos como o Escritório de Valor em Saúde e o Viver Bem Juntos se destacam entre as inovações. São modelos desenvolvidos pelo time de Ciência de Dados utilizando o aprendizado de máquina e estatística avançada, para prever as condições de saúde dos beneficiários a partir de comportamento histórico e outras variáveis relevantes.

“Implementamos iniciativas inovadoras que utilizam inteligência artificial e modelos preditivos para aprimorar a gestão da saúde populacional, promovendo uma abordagem que prioriza as necessidades individuais dos pacientes”, explica.

Em evidência na atualidade, demandas em saúde mental ganharam atenção da cooperativa. Além de materiais educativos, palestras e workshops que abordam o tema, estão disponíveis a clientes soluções digitais, inclusive no âmbito da prevenção, na promoção de práticas que valorizem o bem-estar integral das pessoas.



TÂNIA MEINERZ/JC

Presidente do Conselho de Administração da Unimed, Pizzato diz que dados preveem condições dos beneficiários

Conquistas recentes da Unimed Poa

- ▶ Implementação pioneira do modelo VBHC (Value Based Healthcare - saúde baseada em valor) centrado no cliente.
- ▶ Único serviço ambulatorial pediátrico do País a obter acreditação ONA nível 3 (nível de excelência pela Organização Nacional de Acreditação).
- ▶ Nota máxima no Índice de Desempenho da Saúde Suplementar (IDSS) 2024 da ANS, avaliando Qualidade em Atenção à Saúde, Garantia de Acesso, Sustentabilidade no Mercado e Gestão de Processos e Regulação.
- ▶ Consolidação da Casa TEA Unimed Porto Alegre, dedicada ao Transtorno do Espectro Autista.
- ▶ 7ª posição no ranking GPTW (Great Place to Work) entre as melhores empresas para se trabalhar no Estado.

Adesão profissional comprova confiança no modelo focado no atendimento odontológico

O cooperativismo odontológico no Rio Grande do Sul vem ampliando o acesso da população aos serviços de saúde bucal, especialmente no interior do Estado. O avanço é resultado da soma de ações estratégicas e adaptabilidade diante do cenário conturbado enfrentado pelos gaúchos em 2024.

“Esse crescimento ocorre, sobretudo, pela valorização dos profissionais locais, o que fortalece a presença da cooperativa em diferentes regiões”, afirma Irno Augusto Pretto, presidente da Uniodonto Federação Rio Grande do Sul.

Também foi observada, segundo ele, uma alta consistente no número de profissionais interessados em integrar a cooperativa,

especialmente no Interior.

Apesar das dificuldades trazidas pelos transtornos da crise climática que afetaram áreas urbanas e rurais, a Uniodonto RS conseguiu manter estabilidade financeira, com crescimento projetado tanto na receita quanto no número de beneficiários.

A atuação em intercooperação com o Sistema Ocergs, que coordenou frentes humanitárias durante as emergências, também foi fundamental para a reorganização dos atendimentos.

“As filiais conseguiram manter a estabilidade financeira, com crescimento projetado no número de beneficiários e na receita. Para manter a qualidade no atendimento,

oferecemos cursos de gestão para consultórios, além de MBA para dirigentes cooperados e colaboradores”, destaca o presidente.

São mais de 1, 2 mil consultórios pelo Interior gaúcho. A Uniodonto é representada no Estado por cooperativas filiadas nas regiões de Porto Alegre, Vale do Taquari-Rio Pardo, Passo Fundo, Vale dos Sinos, Rio Grande-Litoral, Fronteira Oeste, Erechim e Missões, computando mais de 250 mil beneficiários.

Além da assistência direta, a cooperativa Uniodonto promove ações comunitárias em diversas dessas cidades, entre as quais, atendimentos gratuitos, campanhas de saúde bucal e iniciativas solidárias para a população.



LUIZA PRADO/JC

Pretto destaca o interesse pela Uniodonto, principalmente no Interior

Agronegócio

Beneficiamento de grãos pode assegurar rentabilidade

Processos industriais no setor primário acrescentam valor à produção, ampliam lucros e mercados, avançando do simples fornecimento de matéria-prima a produtos de maior valor agregado

Thiago Copetti, especial para o JC

Uma das estratégias mais eficazes para ampliar os lucros de produtores rurais e cooperativas agrícolas em todo o País é transformar grãos in natura em produtos com maior valor de mercado. Ainda que exija investimentos novos, o caminho é um dos mais viáveis para somar competitividade às cooperativas e abrir portas para novos mercados, tanto no Brasil quanto no exterior.

O beneficiamento pode ser razoavelmente simples, como empacotamento dos grãos, a mais complexo, com a extração de óleo de soja — a exemplo de uma iniciativa recente adotada por três cooperativas gaúchas. Em conjunto e com investimento estimado em mais de R\$ 1 bilhão, a Cotrijal, de Não-Me-Toque, a Cotrisal, de Sarandi, e a Cotripal, de Panambi, estão colocando em operação uma usina para este fim, a Soli3.

Nei Manica, presidente da Cotrijal e que há anos projetava ter o beneficiamento mais próximo e conectado



EXPODIRETO/DIVULGAÇÃO/JC

Nei Manica, que preside a Cotrijal, diz que criação da Soli3 em Cruz Alta deve promover desenvolvimento da região e atrair mais investimentos

à cooperativa, ressalta que o projeto é uma quebra de paradigma no Rio Grande do Sul, por exemplo, ao promover a intercooperação entre três cooperativas. “Este é um projeto arrojado de industrialização da soja para produção de óleo, farelo e biodiesel”, comemora o executivo.

A usina é fruto de um amplo estudo econômico e de logística, o que levou à escolha da unidade a Cruz Alta, com sua localização e conexão férrea entre os fatores mais importantes. Os ganhos, destaca Manica,

irão além dos cofres das cooperativas. “Nós veremos desenvolvimento na região, com certeza, muito grande. Esse investimento atrairá outros”, projeta o presidente da Cotrijal.

Os reflexos positivos virão em cadeia, e justificam a existência e necessidade do projeto, de acordo com as cooperativas idealizadoras. Ao industrializar grãos, as cooperativas ampliam seus mercados e agregam valor ao que é entregue pelos produtores que serão, também, melhor remunerados.

“Sendo mais competitivos na cadeia da soja, com a industrialização agregando valor ao grão e à nossa atividade, podemos remunerar ou distribuir os ganhos das vendas e dos resultados das cooperativas”, explica Manica.

Outro ganho virá com a agilidade no processo. Ao encurtar a distância da matéria-prima ao processo industrial, a iniciativa reduz os necessários aportes em armazenagem. Os exemplos de resultados práticos e já existentes, como no Paraná, reforça

o presidente da Cotrijal, tornaram ainda mais claros que os custos se reverterem em benefícios amplos, sinaliza Manica.

Dados da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) indicam que o investimento em tecnologias de pós-colheita, como o beneficiamento, tem crescido ano após ano. Apenas em 2024 a expansão de projetos nessa área teria sido de cerca de 12%, entre propriedades rurais privadas e cooperativas, especialmente nas regiões Centro-Oeste e Sul.

Aplicativo desenvolvido pela FecoAgro avança no campo e facilita a gestão

Lançado em 2021 pela Federação das Cooperativas Agropecuárias do Estado do Rio Grande do Sul (FecoAgro/RS), uma ferramenta vem mudando a gestão das propriedades de milhares de cooperativados. O aplicativo SmartCoop permite aos agropecuaristas acessar funcionalidades como acompanhamento da lavoura, monitoramento por satélite, previsão do tempo, indicadores de mercado, gerenciamento de rebanho, saldo de produtos na cooperativa, títulos a pagar, cotações e mecanismos de venda da produção.

O aplicativo se conecta a termo bastante novo e que define o perfil contemporâneo do produtor rural e da agropecuária: agricultor data driven/agricultura data driven. Tomar decisões plenamente orientadas por dados (data driven) ainda é uma

meta distante de grande parte das empresas. No campo, porém, essa já é uma realidade que bate na porteira de inúmeras propriedades. Um agricultor, atualmente, tem acesso e opera equipamentos e máquinas com mais tecnologia embarcada do que a maior parte da população que vive na cidade — incluindo aqui grandes executivos, gestores e empresários.

Produtores rurais, seja agricultura familiar ou da agricultura empresarial, têm conexão de boa qualidade à internet e smartphones como importante ferramenta de trabalho. Na palma da mão, literalmente, os agricultores passaram a ter o acesso a uma infinita base de informações, pesquisas, monitoramentos, dados de mercado.

Enquanto a safra é colhida, o



JOSEANI ANTUNES/EMBRAPA/JC

Enquanto a safra é colhida, agricultor monitora a atividade à distância

agricultor monitora a atividade à distância e recebe informações em tempo real sobre a área já finalizada e a qualidade do grão — dados enviados pela própria colheitadeira e por geoprocessamento. O mesmo ocorre no plantio, na definição milimétrica da quantidade de

fertilizantes e químicos a serem aplicados planta a planta. Assim, o produtor otimiza os custos e seu tempo — agora, mais direcionado à gestão do negócio. Com o apoio da tecnologia, o produtor pode executar demandas de compra e venda, movimentos do mercado, tendências e

Os ganhos da industrialização

- Obter valores superiores à venda do grão in natura
- Permite centralizar a operação, reduzir custos logísticos e melhorar o poder de barganha junto a compradores
- Oferecer produtos finais com marcas próprias, aumentando ainda mais a margem de lucro
- Reduzir a dependência da venda de commodities e ingressar em cadeias de maior valor agregado

oportunidades, assim como se dedicar à parte financeira, negociação e venda no momento certo e na tecnologia aplicada, por exemplo.

Agronegócio

Setor lácteo aponta caminhos para outros segmentos

Depois de amargar prejuízos recorrentes e ser marcado pelo abandono da atividade por milhares de produtores, momento atual é de lucro e boas perspectivas

Thiago Copetti, especial para o JC

De um cenário nada positivo, há cerca de três anos, o setor lácteo se tornou, em 2025, um rentável negócio — alcançando margens de até 30% de lucro, de acordo com o presidente da CCGL, Caio Vianna, cooperativa que reúne outras cooperativas, com foco no apoio aos produtores e no beneficiamento de leite.

A virada de mesa veio justamente após o segmento identificar os principais pontos frágeis da produção e agir efetivamente sobre eles. O primeiro passo foi conseguir reunir ações no campo, na esfera política e no modelo de negócio para que as perdas comesçassem a ser revertidas em ganhos.

No campo, a prioridade foi colocar um “exército” de técnicos para apoiar desde mudanças básicas — como o manejo de animais, terras e pastagens — até a gestão da propriedade. Atualmente, entre profissionais da CCGL e de outras cooperativas, cerca de mil técnicos estão conectados com os produtores. Curiosamente, um dos pontos de abordagem dessa iniciativa foi frear a euforia em torno dos investimentos em tecnologia e se voltar novamente à terra e aos cuidados com os animais.

“Obviamente, tecnologia é importante, mas a compra de um equipamento, se mal dimensionado em custo, benefício e necessidade, pode quebrar as finanças de um produtor. Não adianta robotizar a ordenha para aumentar a produção.



Presidente da CCGL, Caio Vianna alerta que a compra de um equipamento, se mal dimensionada em custo e benefício, pode quebrar as finanças

A quantidade de leite que um animal vai produzir depende da alimentação, do manejo para o bem-estar e da seleção genética”, alerta Vianna.

A aposta demasiada na tecnologia e na compra de equipamentos modernos, observa o executivo, não é uma exclusividade do setor lácteo. O mesmo ocorre no setor de grãos. Vianna comenta que parte dos produtores que investiram pesado em super colheitadeiras, por exemplo, se endividaram sem o retorno esperado — seja por descuidar de outros

processos básicos de plantio quanto por comprar tecnologias que, efetivamente, são usadas muito aquém do potencial.

“Houve muito exagero com aquisições que não eram necessárias e nem utilizadas a pleno. Esses aportes descapitalizam o produtor para investir no melhoramento do solo, por exemplo”, analisa o presidente da CCGL.

Analisar as reais necessidades de cada propriedade foi o foco inicial do trabalho dos técnicos colocados

a campo para ajudar a aumentar as produtividades por meio de ações que nem sempre exigiam investimentos ou grandes aportes. O resultado de pequenos ajustes, manejo e operação, assegura Vianna, vêm em menos de seis meses ou em até mesmo poucas semanas. Os 550 produtores do CCGL Gerenciados ATCs têm hoje uma produção média de 24 litros diários por vaca. Esse grupo que aceitou o assessoramento — aberto a rever suas práticas de manejo e gestão — tem uma

produção 80% acima da média e de sua própria produtividade inicial, de 17 litros. Os 17 litros/dia/vaca ainda são a média dos outros 2,5 mil produtores que não fazem parte do grupo de assessorados.

“Eles não integram esse grupo porque não querem, pois temos condições de atender a todos. Há, porém, produtores mais fechados no sentido de receber orientações externas, opiniões e fazer mudanças na sua forma de trabalho”, explica Vianna.

Quem integra o cenário no Rio Grande do Sul entre as cooperativas produtoras de leite

No Rio Grande do Sul, existem diversas cooperativas de leite que desempenham um papel fundamental na produção e comercialização do produto. Dentre elas, destacam-se a Cooperativa Santa Clara, líder no mercado de leite UHT no Estado, a CCGL (Cooperativa Central Gaúcha Ltda), uma das maiores captadoras de leite do Brasil, e a Cooperativa Piá, reconhecida pela produção de lácteos de alta qualidade.

Outras cooperativas conhecidas no Estado incluem a Languiru e a Cotrirosa, conhecida por sua atuação no Noroeste gaúcho. Essas cooperativas, juntamente com outras entidades associadas ao Instituto Gaúcho do Leite (IGL), contribuem para o desenvolvimento do setor leiteiro no Rio Grande do Sul, promovendo a valorização do trabalho do produtor rural e a oferta de produtos de qualidade

para os consumidores.

As cooperativas de leite no Rio Grande do Sul desempenham um papel importante na economia local e regional, gerando empregos, renda e desenvolvimento para as comunidades onde atuam. Além disso, muitas dessas cooperativas estão investindo em tecnologia e inovação para aprimorar a produção e garantir a qualidade dos seus produtos.

A Cotrirosa realizou, no dia 12 de junho, a terceira edição do Seminário do Leite, no Restaurante Fenasoja, em Santa Rosa, reunindo cerca de 500 participantes, entre produtores, fornecedores, autoridades e profissionais do setor leiteiro.

O evento, que teve como tema Caminhos da Produtividade, reforçou o compromisso da cooperativa com o fortalecimento da pecuária leiteira na região

Fronteira Noroeste do Rio Grande do Sul. Para o presidente da cooperativa, Clenir Dalcin, o seminário reafirma o papel da cooperativa na promoção do desenvolvimento do setor. “Buscamos sempre fomentar conhecimento, inovação e fortalecer a pecuária leiteira. Com informação, tecnologia e o espírito cooperativista, seguimos construindo um futuro mais produtivo”, destacou Dalcin durante o evento.

A receita é começar pelo básico

Na primeira etapa do trabalho técnico, a avaliação nas propriedades incluiu verificar qual a necessidade de se fazer correção de solo com aplicação de insumos ou mesmo com o plantio de mais de uma safra em curto espaço de tempo. Assim, mantendo o solo sempre coberto, por plantas ou palhadas, há menos erosão em caso de chuvas fortes, por exemplo, e menos perdas de nutrientes.

“Ou seja, ele irá contar com uma pastagem melhor e mais constante para oferecer aos animais. Aliado a isso, observamos quais as condições em que os animais são alojados e protegidos, seja do frio ou do calor. Melhor alimentação e bem-estar animal rapidamente se refletem em aumento na produção de leite”, acrescenta o presidente da CCGL, Caio Vianna.

Ele explica, ainda, que começar pelo básico inclui a constância de políticas públicas, sem mudanças bruscas de prioridades a cada governo. Essa política permanente, aliada a uma equilíbrio nos estímulos dados às importações, também foram conquistas recentes. O setor lácteo, que antes tinha nos produtos do Mercosul concorrência estimulada pelo governo, agora conta com mais equilíbrio, avalia o presidente da CCGL.

“O governo antes oferecia benefício fiscal a empresas que importam



JM ALVARENGA/DIVULGAÇÃO/JC

Nos trabalhos técnicos, são analisadas as condições do alojamento dos animais, já que alimentação e bem-estar significam maior produtividade

leite, e isso terminou. Não fazia sentido, pois reduzia a própria arrecadação de impostos pela baixa produção local, retirava renda do produtor e do Estado. As importações seguem ocorrendo, mas de forma mais equilibrada”, avalia o executivo.

Finalizando o ciclo positivo para o leite, Vianna acrescenta que a queda nas cotações dos grãos, como milho e soja, nos últimos anos, ajudou o setor. Apesar de não ser positivo para quem planta, a baixa ajudou a conter os custos com alimentação

animal.

“Agora estamos dando prosseguimento a um fator que exige mais tempo, mas igualmente importante para o futuro e para seguirmos avançando. É ir, pouco a pouco, retirando do campo aqueles animais que têm

menor produtividade e investindo na reprodução a partir das vacas que mais convertem alimento em leite. Essa seleção genética leva mais tempo, mas vai trazer novos resultados positivos”, antecipa o executivo.

Melhor logística para os grãos é fundamental no apoio ao setor



CCGL/DIVULGAÇÃO/JC

Preocupação com a recuperação do solo se tornou ainda mais urgente após as enxurradas de 2024

Ainda que tenha como foco de atuação o setor lácteo, a CCGL atua também para consolidar os negócios de sua rede de cooperativas na área de grãos - base da receita de grande parte da rede. Com cenário desfavorável ao segmento em preços e demandas, inclusive com o cenário de guerras e incertezas globais, a central de cooperativas aposta na logística para apoiar o setor.

Além de estimular entre os produtos de soja e milho, por exemplo, a necessidade de uso e aquisição racional de tecnologias, a preocupação com a recuperação do solo se tornou ainda mais urgente após as enxurradas de 2024. “O Rio Grande do Sul tem condições, em situações normais, de chegar a 40 milhões de toneladas de grãos, mas hoje temos alcançado cerca de 34 milhões. E os grãos são a base da

maior parte das nossas cooperativas associadas”, explica Caio Vianna.

Um dos maiores aportes da CCGL no segmento, superior a R\$ 500 milhões, está na logística, como prestadora de serviço no porto de Rio Grande. Vianna avalia que um melhor escoamento da safra pode ajudar a melhorar significativamente os ganhos e ampliar mercados.

“Se nós pararmos de investir em logística e manejo, não vamos conseguir competir com os nossos concorrentes, americanos e argentinos. Nosso porto tem que oferecer rapidez de embarque, agilidade e custo baixo. Por isso investimentos na Termasa e, agora, será preciso ainda aportar recursos no terminal público, devastado pelas enxurradas de 2024”, ressalta o executivo.

Agronegócios

Investimentos e visão de médio e longo prazo na vitivinicultura

Modernizações, exportações e estratégias de mercado asseguram ganhos para cooperativas e cooperativados

Thiago Copetti, especial para o JC

A vitivinicultura gaúcha passa por um momento de recuperação e, ao mesmo tempo, crescimento, especialmente pela safra 2025, com volume e qualidade que fizeram brilhar e pesaram nos parreirais. E, com investimentos relevantes recentes e realizados nos últimos anos, as cooperativas do setor se sobressaem ao mirar o futuro e valorizar estratégias que vão além do curto prazo.

Uma das mais antigas vinícolas cooperativas do Brasil, a Nova Aliança, por exemplo, iniciou em 2023 um consistente projeto para lançar um suco de uva em garrafa de vinho para atender a China — além, claro, de abrir mercado para o vinho. O primeiro passo foi estreitar, naquele ano,

na feira ProWine Shanghai. A proposta animou executivos e as mais de 600 famílias de produtores. Mesmo com alguns imprevistos no caminho, o que faz parte do mercado e do negócio, como a retração no consumo chinês, a Nova Aliança segue com a proposta justamente mirando a retomada.

“Nossos volumes ainda são pequenos, mas temos a expectativa de transformar o negócio de exportação em torno de 3% a 5% da operação. Atualmente é próximo de 1%, mas falo de forma estratégica, pensando em até 5 anos e, a partir disso, fazer mais investimentos, pesquisa e dados de mercado”, explica o CEO da Nova Aliança Vinícola Cooperativa, Heleno Facchin.

O projeto, desde o início, teve como norte que o tempo e a constância são fundamentais, como se aprofundar no conhecimento da cultura local de negócios e expansão do portfólio. A exportação de suco de uva integral em garrafa de vinho, por exemplo, foi um pedido feito pelos próprios compradores chineses na feira.



Oscar Lô, presidente da Vinícola Garibaldi, projeta aplicar em seu complexo fabril cerca de R\$ 12 milhões

Esse novo passo e a tranquilidade em observar um cenário atual, mas de olho no futuro, vem da experiência das primeiras exportações da Nova Aliança Vinícola Cooperativa, há cerca de 8 anos, e hoje está presente em países como Bolívia, China, Paraguai, Rússia e Uruguai.

Em 2024, apesar do ano desafiador, novos produtos foram lançados, a identidade visual foi renovada, e nova unidade de negócio foi criada, com investimentos nas plantas industriais e nos vinhedos.

Também baseando sua expansão

em investimentos contínuos, a Cooperativa Vinícola Garibaldi projeta aplicar em seu complexo fabril, ao longo de 2025, cerca de R\$ 12 milhões, principalmente na ampliação da capacidade de processamento. Aportes que se complementam aos já realizados em 2024 para melhorias no manejo e na ampliação da capacidade de recebimento e armazenamento.

Com investimentos contínuos em modernização industrial e no campo, a companhia avalia ter hoje um dos mais eficientes centros de produção de vinhos, sucos e espumantes não apenas

do Brasil, mas globalmente.

“Esses investimentos serão feitos na ampliação da capacidade de estocagem, em autoclave na fermentação, em prensa para equipamentos para ampliar a capacidade interna para poder aumentar o volume processado. Queremos ampliar a participação, especialmente no segmento de espumantes, também com o projeto de reconversão de vinhedos, principalmente para uvas brancas, para dar conta do mercado”, explica Oscar Lô, presidente da Cooperativa Vinícola Garibaldi.

Depois da tempestade, a bonança

De acordo com o Instituto de Gestão, Planejamento e Desenvolvimento da Vitivinicultura do Rio Grande do Sul (Consevis-RS) a colheita de 750 mil toneladas de uva no Estado, em 2025, foi cerca de 38% acima da anterior

Os resultados positivos foram em quantidade e qualidade, o que, de acordo com o presidente do Consevis-RS, Luciano Rebelatto, pode ser uma das melhores safras dos últimos anos.

O resultado vem, também, de acordo com a entidade, por investimentos do setor em capacidade e tecnologia, ampliando a inserção nos mercados interno e externo de produtos de altíssima qualidade.

De acordo com o pesquisador em fisiologia da produção da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), Henrique dos Santos, a condição térmica favorável ao crescimento vegetativo, com a ausência de geadas tardias no início do ciclo das videiras, em 2025, contribuiu com a qualidade e o volume da safra.

Na primavera do ano passado houve registro de apenas seis dias de temperatura abaixo dos 10 graus, sendo um dos determinante para o pleno desenvolvimento das flores e das bagas de uva.

A pluviosidade também ajudou no processo: de agosto a fevereiro, período entre a brotação e a colheita, a região da Serra teve 657 mm de chuva. A baixa precipitação, com menos dias nublados e maior incidência de sol, favoreceu a uniformidade de maturação e reduziu as condições para o desenvolvimento de doenças nas videiras.



PATRÍCIA LIMA/DIVULGAÇÃO/JC

Atenção para a indústria e as demandas do campo

Além de alcançar 71,6 milhões de quilos de uva processados em 2025, mesmo após um ciclo climático desafiador, a Cooperativa Vinícola Aurora mantém um intenso fluxo de investimentos com foco em inovação, aumento de capacidade produtiva e sustentabilidade. Ao longo dos últimos quatro anos, a cooperativa destinou cerca de R\$ 110 milhões para modernizar suas estruturas e no campo e, em 2025, programa injetar no negócio mais R\$ 25 milhões.

Os aportes se destinam à instalação de novos tanques de aço inoxidável, somando uma capacidade de armazenamento de 92 milhões de litros, e pulverizados em diferentes equipamentos, sistemas e áreas. As aquisições incluem, por exemplo, desde prensas pneumáticas e barricas de carvalho a tanques para fermentação e refrigeração de até 125 mil litros e um decanter de 30 mil litros para limpeza

de mosto, entre outros.

Ao todo, o complexo fabril da cooperativa soma três parques industriais em Bento Gonçalves (Matriz, Unidade 2 e Vinhedos) e uma unidade de produção de uvas em Pinto Bandeira. A capacidade de recebimento de uvas chega, assim, a 3 milhões de quilos por dia, que, depois, têm como destino quase 400 barricas de carvalho francês e americano. Operar toda essa estrutura exige o envolvimento direto de 550 colaboradores e o trabalho de 1,1 mil produtores. Esse amplo processo de modernização já se reflete em maior agilidade na produção e envase, diversificação de produtos e formatos e na possibilidade de atender atuais e futuras demandas de mercados diferenciados, como o segmento de bebidas sem álcool. Diretor de Marketing e Vendas da Aurora, Rodrigo Arpini Valério destaca que o portfólio não alcoólico está diretamente alinhado às preferências



ZÉTO TELÖKEN/DIVULGAÇÃO/JC

Ao longo dos últimos quatro anos, Aurora destinou R\$ 110 milhões para modernizar suas estruturas

dos consumidores - tendo como resultado o "crescimento expressivo" da participação da cooperativa no segmento de suco de uva integral. "Viemos consolidando nossa liderança nacional nessa categoria, reflexo da consistência dos investimentos em qualidade e distribuição, também com

destaque no mercado em vinhos finos e de cooler", pontua Valério.

Até 2027, todo o carregamento e descarregamento de uva da Aurora será realizado por meio de bins com capacidade de até 500 quilos, transportados por empilhadeiras. O equipamento reduz o

esforço excessivo durante a safra, além de diminuir a necessidade de mão de obra contratada. Atualmente, 87% do volume de uvas já é colhido pelos produtores cooperados com o auxílio de bins, recipientes que substituem as tradicionais caixas de 20 quilos.

Prosperidade pede cooperação.

No Dia Internacional do Cooperativismo, celebramos mais que uma data. Celebramos um modelo que coloca as pessoas no centro, compartilha conquistas e gera impacto real nas comunidades.

Na Unicred, acreditamos que o mundo muda quando cooperamos e compartilhamos decisões, dividindo resultados e colocando nossos valores em ação com solidariedade, consciência e propósito.

Cooperar é o que nos move todos os dias – não só no dia 5 de julho. É assim que construímos uma forma mais justa, próxima e consciente de cuidar da sua saúde financeira.

5 DE JULHO – DIA INTERNACIONAL DO COOPERATIVISMO



Seja um(a) cooperado(a).

Instagram YouTube LinkedIn unicred | unicred.com.br

Sua saúde financeira pede.

UNICRED

somos **COOP**

Energia

Creral planeja construir sua maior hidrelétrica até o primeiro semestre de 2029

Jefferson Klein

A Creral está envolvida atualmente com o projeto da usina Foz do Prata, que será a maior hidrelétrica da cooperativa de energia que tem sede em Erechim. O presidente da Creral, Alderi do Prado, recorda que o empreendimento terá 49 MW de capacidade (o que corresponde a cerca de 0,9% da potência hídrica instalada no Rio Grande do Sul hoje). A unidade será implementada no Rio da Prata, entre os municípios de Veranópolis e Nova Roma do Sul, e deverá entrar em operação até o primeiro semestre de 2029.

Jornal do Comércio - O projeto da hidrelétrica Foz do Prata, que terá 49 MW de potência instalada, será a maior usina da Creral. Como surgiu a proposta dessa iniciativa?

Alder do Prado - A gente vem sempre acompanhando as oportunidades de desenvolvimento de projetos tanto no Rio Grande do Sul como em Santa Catarina, alguma coisa no Paraná também. Essa surgiu para nós há quatro anos. Envolveu todo um processo de primeiro analisar o empreendimento, a viabilidade e, segundo, analisar junto à comunidade os diálogos para sabermos do interesse das pessoas e, a partir daí, também o desenvolvimento ambiental do local.

JC - Em que etapa está esse empreendimento?

Prado - Agora o projeto está em uma fase bem mais madura, mas é um longo processo, porque é um projeto bem grande e precisamos ter todas as análises para sua implantação.

JC - Recentemente Foz do Prata recebeu sua licença ambiental prévia. Se tudo transcorrer dentro do previsto, quando deve ser possível obter o licenciamento de instalação?

Prado - A gente trabalha com a perspectiva de um ano. Lógico que as equipes ambientais estão analisando e preparando o material e vão levar um tempo ainda para a

liberação da usina.

JC - E, dentro dessa estimativa, quando a usina poderá ser concluída?

Prado - A gente estima que o projeto leve em torno de dois anos e meio para ser implantado a partir do começo das obras. Então, digamos que no primeiro semestre de 2029 o projeto já deve estar em funcionamento.

JC - Qual o investimento previsto nessa usina?

Prado - O investimento previsto nela agora é de aproximadamente R\$ 400 milhões.

JC - E a cooperativa pensa em contar, futuramente, com mais investidores para realizar a iniciativa?

Prado - Sim. A gente já está analisando possibilidades e propostas de investidores e financiadores para a implantação. A gente sabe que agora é o período de amadurecer a viabilidade financeira do projeto com a captação dos recursos necessários para sua implantação.

JC - O projeto irá concorrer no leilão de energia marcado para agosto para tentar comercializar sua geração?

Prado - Ele está cadastrado no certame de agosto e vamos ver o resultado que a gente alcança. Mas não é a única opção esse leilão, a gente trabalha também com outras opções porque o mercado é bem dinâmico.

JC - E para esse ano e mais



A gente vem sempre acompanhando oportunidades de desenvolvimento de projetos no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina



Prado conta que unidade será implementada no Rio da Prata, entre Veranópolis e Nova Roma do Sul

imediatamente, quais são os principais empreendimentos que a Creral está desenvolvendo?

Prado - Para este ano, os principais volumes de aportes estão previstos para a conclusão da Pequena Central Hidrelétrica (PCH) Santo Cristo, em Lages, Santa Catarina, com a previsão de a gente colocar em operação no início de 2026. Estamos concentrando os investimentos lá, no projeto de 19,5 MW, do ponto de vista de geração. E também na distribuição a gente vem trabalhando para a implantação da subestação de 138 kV em Sananduva, que visa a atender aos nossos associados da região, como os de Ibiaçá, Carlos Gomes, Centenário, São João da Urtiga, Santo Expedito do Sul e São José do Ouro. Além disso, tem as interligações no entorno da subestação com as unidades consumidoras, principalmente, de indústrias e a conexão com Santo Expedito do Sul, uma linha dedicada a partir da subestação para melhorar a condição de atendimento nessa cidade e para os consumidores de São José do Ouro.

JC - Qual é a projeção de investimento nessas iniciativas?

Prado - A gente vai investir na subestação em Sananduva cerca de R\$ 25 milhões e também nas linhas de distribuição a gente já está trabalhando para um investimento superior a R\$ 5 milhões. E na conclusão das obras da PCH Santo Cristo, da parcela da Creral (a cooperativa desenvolve esse complexo com a participação de outros parceiros), estamos prevendo investimento de R\$ 25 milhões para este ano.

JC - A Creral também possui iniciativas na área de geração solar fotovoltaica. Como estão esses empreendimentos?

Prado - A gente acabou a implantação de 11 usinas solares, de

1 MW cada, sendo 10 unidades em Santa Vitória do Palmar e uma em Guaíba. A conexão na rede foi feita em abril.

JC - Em que mercado está sendo comercializada essa geração de energia?

Prado - Essa energia é locada como geração distribuída para clientes da concessionária CEEE Equatorial.

JC - E qual foi o investimento nesses empreendimentos?

Prado - Finalizamos com cerca de R\$ 50 milhões investidos, trabalhando com vários parceiros pulverizados esses investimentos.

JC - Qual a perspectiva futura nessa área de energia solar?

Prado - Agora a gente está analisando um pouco mais o comportamento de mercado. Temos pela frente algumas perspectivas de implantação de pequenas usinas no Estado, para ver se conseguimos ainda nesse campo a implantação de mais aproveitamentos de geração de energia solar. Estamos ainda em análise e acredito que até o fim de julho a gente consiga definir se iremos fazer novos investimentos dentro dessa questão.

JC - A cooperativa estuda desenvolver empreendimentos com outras fontes de energia?

Prado - Estudamos também a energia eólica. A gente desenvolve alguns projetos, mas percebemos que a vocação da energia eólica está mais centrada em grandes grupos, contudo estamos trabalhando no desenvolvimento dos projetos. São quatro empreendimentos, em Santa Vitória do Palmar (2), Rosário do Sul (1) e Santana do Livramento (1), que somam 1,5 mil MW de potência. Essas ações já estão em uma fase de medição de ventos e trabalhando para uma etapa de licenciamento ambiental desses parques.

JC - A Creral tem espaço para crescer o número de ligações no segmento de distribuição de energia (nesse segmento, a cooperativa atende a 37 municípios da Região Norte gaúcha)?

Prado - Atualmente, temos cerca de 8 mil unidades ligadas. Tem espaço para crescer mais, sim. A nossa região tem uma vocação bastante agrícola e a irrigação tem demandado bastante energia, assim como aviários e tambos de leite. E, claro, que tem o mercado industrial, que também puxou bastante nos últimos anos e é responsável por mais da metade do consumo da energia distribuída. A tendência é de um crescimento ainda maior.

JC - Quais ações a cooperativa pensa em desenvolver na área de distribuição?

Prado - A gente vai trabalhar neste ano, ainda estamos em uma fase de desenvolvimento, na implantação de telemédias. A gente está tentando fazer a implantação em um bloco de consumidores para que a gente tenha os medidores eletrônicos conectados à internet e possamos fazer a medição instantânea, leitura, envio de contas, tudo via digital. Já estamos na fase de discussão de implantação da iniciativa, que será gradativa, já passou a etapa de aprovação.

JC - E como está o segmento de Telecom da Creral?

Prado - Hoje estamos restritos a atender aos nossos associados em fibra ótica. Então temos feito investimentos voltados apenas para ampliação. A gente já tem fibra em todos os nossos municípios, em todas as nossas comunidades, e vai atendendo aos novos clientes que vão necessitando ter esse serviço, cada vez mais crescente. Atualmente, temos cerca de 2,5 mil planos de internet ativos.

DIVULGAÇÃO CRERAL/JC



Energia

Coprel prevê mais de R\$ 190 milhões em investimentos neste ano

Jefferson Klein

Com sede em Ibirubá e atendendo a 72 cidades do Rio Grande do Sul, a cooperativa de energia Coprel estima realizar em 2025 um investimento de aproximadamente R\$ 193,5 milhões. O presidente da Coprel, Jânio Vital Stefanello, ressalta que se trata de um incremento de 3% em relação ao aportado no ano anterior. Uma das ações que está sendo desenvolvida é a implementação da Pequena Central Hidrelétrica (PCH) Santo Antônio do Jacuí, no rio Jacuí, entre os municípios de Victor Graeff e Mormaço.

Jornal do Comércio - Qual o investimento previsto pela Coprel para este ano?

Jânio Stefanello - A Coprel projeta para 2025 um investimento superior a R\$ 193,5 milhões em todas as suas unidades de negócio, o que representa um crescimento de 3% em relação a 2024. A expectativa é seguir ampliando os aportes no próximo ano, com foco em energia, telecomunicações e na consolidação de obras de geração própria, como a finalização da PCH Santo Antônio do Jacuí. Os valores definitivos serão validados pelos conselhos da cooperativa, reforçando o modelo de governança participativa que é marca registrada da Coprel e fortalece sua presença nas comunidades.

JC - Quais são os empreendimentos nas áreas de geração e distribuição previstos pela cooperativa?

Stefanello - Do total de investimentos previstos para 2025, cerca de metade será destinada à área de distribuição de energia, contemplando a construção de redes e subestações, troca de postes, instalação de equipamentos e implantação de novas tecnologias. Na Coprel Geração, o principal destaque do ano é a conclusão das obras da PCH Santo Antônio do Jacuí. Na (distribuição de) energia o destaque é para a subestação NMT2, em Não-Me-Toque, que terá uma infraestrutura moderna, planejada com responsabilidade técnica e visão de futuro.

São R\$ 27,3 milhões investidos em uma subestação que fortalece a rede elétrica. Essa estrutura é um passo fundamental para garantir qualidade no fornecimento, permitir a conexão de novas cargas e manter a Coprel à frente das necessidades energéticas da região.

JC - Em que estágio está a construção da PCH Santo Antônio do Jacuí e quando deverá ser concluída? Qual a potência e o investimento nessa usina?

Stefanello - A construção está em estágio avançado com 80% (das obras finalizadas) e a previsão é de conclusão para o final deste ano. A PCH Santo Antônio do Jacuí terá potência instalada de 5,2 MW, com investimento total estimado em R\$ 77 milhões.

JC - E o que se espera de aporte para a área de Telecom?

Stefanello - A Coprel Telecom, com um investimento superior a R\$ 58 milhões, segue ampliando sua área de atuação, com recursos aplicados constantemente na expansão de redes, aquisição de novos equipamentos e modernização tecnológica. Levar conectividade ao Interior é uma das prioridades da cooperativa, pois acreditamos que acesso à internet de qualidade é essencial para a educação, saúde, produção agrícola e desenvolvimento das comunidades rurais. São 18 municípios que já possuem acesso universalizado à internet via Coprel, e os demais seguem avançando nessa meta. Paralelamente, a cooperativa também amplia sua atuação em áreas urbanas, buscando garantir a sustentabilidade econômica do negócio.

JC - Como está o desenvolvimento do projeto, autorizado pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), que conta com a participação da Coprel para avaliar o comportamento do consumidor de baixa tensão no mercado livre (em que ele pode escolher a origem da geração de energia)?

Stefanello - O projeto Sandbox Tarifário (para experimentação de novas modalidades tarifárias ou formas de faturamento) está sendo conduzido na Coprel com o objetivo de testar, de forma inédita no Brasil,



Jânio Vital Stefanello ressalta que se trata de um incremento de 3% em relação ao aportado no ano anterior

o comportamento de consumidores de baixa tensão no mercado livre de energia. A iniciativa permite que residências e pequenos comércios, tradicionalmente atendidos no mercado cativo, possam experimentar tarifas diferenciadas e modelos inovadores de contratação. O projeto visa oferecer mais liberdade de escolha, melhores condições comerciais e ampliar o conhecimento da população sobre o funcionamento do setor elétrico.

JC - Quais os resultados foram obtidos até o momento?

Stefanello - Nos primeiros seis meses de execução, já foi possível identificar padrões relevantes entre os consumidores participantes. Dos 1,35 mil cooperantes selecionados, 232 aderiram voluntariamente ao projeto, o que representa uma taxa de adesão de 17,18%. Outro dado importante é a taxa de desistência extremamente baixa, demonstrando que os produtos ofertados têm gerado uma boa percepção de valor, confiança e satisfação. Isso revela um potencial promissor de crescimento da base ativa nos próximos meses. A análise da distribuição de adesões ao longo do tempo mostra que os consumidores respondem de forma direta à constância e intensidade das ações de comunicação. À medida que compreendem melhor o mercado livre, suas decisões tornam-se mais seguras, o que reforça a importância de estratégias educativas contínuas, com foco na clareza das vantagens, nos modelos tarifários e na autonomia proporcionada pela migração.

JC - Quando a experiência deve acabar?

Stefanello - A previsão de encerramento do projeto é dezembro

de 2025, completando os 12 meses de testes e análises regulatórias previstas. Até lá, espera-se reunir um conjunto robusto de dados sobre o comportamento do consumidor do grupo B (baixa tensão) frente às diferentes tarifas e condições oferecidas. Os resultados devem embasar futuras decisões e políticas públicas para a ampliação do mercado livre de energia no Brasil, com foco na inovação, eficiência e no empoderamento dos consumidores.

JC - Como as cooperativas de energia serão afetadas com a maior abertura do mercado elétrico?

Stefanello - De modo geral, as cooperativas vêm se preparando para a abertura do setor elétrico, compreendendo que essa evolução é uma tendência internacional. No caso da Coprel, a criação de uma comercializadora própria foi um passo estratégico para atender os cooperantes que já possuem o direito de migrar para o mercado livre, sem abrir mão do atendimento qualificado e da consultoria especializada da cooperativa. Além disso, a Coprel coloca sua expertise à disposição de empresas e consumidores que, com a abertura do mercado, passam a ter o direito de escolher de quem comprar energia.

JC - Passado um ano das enchentes, qual a sua avaliação do evento e já foi possível recuperar os prejuízos causados?

Stefanello - As enchentes de maio de 2024 causaram prejuízos incalculáveis em todo o Estado. Foi um evento trágico e histórico, com profundas consequências econômicas e sociais. Por isso, além da recuperação, é necessário falarmos de resiliência e da necessidade de

nos prepararmos para os efeitos das mudanças climáticas. A área de abrangência da Coprel não foi tão severamente afetada em 2024, como ocorreu nas regiões dos Vales e Metropolitana. No entanto, ainda sentimos impactos, como danos em estradas e outras infraestruturas. Além disso, é importante considerar os prejuízos acumulados pelas estiagens recorrentes, que comprometem a capacidade de investimento dos agricultores e demandam ações coordenadas.

JC - As chuvas de junho deste ano geraram mais impactos?

Stefanello - As chuvas recentes de junho também causaram impactos significativos, especialmente pela danificação de estradas e alagamentos, o que dificultou o acesso das equipes de manutenção da Coprel e ocasionou atrasos no restabelecimento da energia em alguns pontos. Em resposta a essas adversidades, seguimos investindo fortemente em tecnologia de redes, comunicação e previsão do tempo, para ampliar nossa capacidade de resposta e garantir segurança no fornecimento de energia aos cooperantes.



Cooperativas vêm se preparando para a abertura do setor elétrico; evolução é uma tendência internacional



MAPA ECONÔMICO DO RS

Indicadores do presente, tendências para o futuro.

| Edição Lajeado |



10 de julho | 17h

Associação Comercial
e Industrial de Lajeado

**Regiões Central, Vale do Taquari, Vale do Rio Pardo,
Vale do Jaguari e Jacuí Centro.**

O Jornal do Comércio comunica o segundo encontro da terceira temporada do Mapa Econômico do Rio Grande do Sul, que acontecerá em Lajeado.

No encontro, reuniremos líderes empresariais, gestores públicos e especialistas para debater os caminhos do desenvolvimento regional. O painel será mediado por Guilherme Kolling, editor-chefe do Jornal do Comércio.

Desde 2023, o Mapa Econômico do RS mapeia e analisa os principais vetores econômicos do Estado, dividindo-o em cinco grandes regiões.

A iniciativa identifica desafios, potencialidades e avanços em cada território. Ainda serão promovidos outros três eventos em diferentes localidades, sempre acompanhados de um caderno especial com conteúdo exclusivo.



Escaneie o QR Code
e veja como foram
as edições de 2024.



Entre em contato
e saiba como participar
do projeto.

(51) 3213.1338
comercial@jornaldocomercio.com.br

Realização

Jornal do Comércio
O jornal de economia e negócios do RS

Patrocínio



Apoio



Media partner

